



800

Caetano Veloso

IDEIAS ALÉM DA MÚSICA

UMA SELEÇÃO DE ENTREVISTAS PUBLICADAS DESDE 1966

 **GLOBO**

80

**Caetano
Veloso**

IDEIAS ALÉM DA MÚSICA

GRUPO **GLOBO**

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE: JOÃO ROBERTO MARINHO

VICE-PRESIDENTES: JOSÉ ROBERTO MARINHO e ROBERTO IRINEU MARINHO

O GLOBO

é publicado pela Editora Globo S/A.

DIRETOR-GERAL: FREDERIC ZOGHAIB KACHAR

DIRETOR DE REDAÇÃO E EDITOR RESPONSÁVEL: ALAN GRIPP

EDITORES EXECUTIVOS: LETÍCIA SANDER (COORDENADORA),

ALESSANDRO ALVIM, ANDRÉ MIRANDA, FLÁVIA BARBOSA,

LUIZA BAPTISTA E PAULO CELSO PEREIRA

EDITORA EXECUTIVA DO IMPRESSO: FERNANDA GODOY

Se você ainda não é nosso assinante: assinaturaglobo.globo.com

Caetano Veloso: **ideias além da música**

FOTO DE CAPA: LEO AVERSA

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO: MÀNYA MILLEN

DESIGN: TÉLIO NAVEGA

COORDENAÇÃO: ANDRÉ MIRANDA

sumário

APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	7
‘UM DIA’ CAETANO CHEGOU PARA FICAR	9
OS CRÍTICOS MUSICAIS, SEGUNDO CAETANO VELOSO	14
CAETANO, O FURIOSO	20
A PETULÂNCIA DE VIVER A VERDADE TROPICAL	27
‘A ESTRELA BAIANA SOU EU’	38
ANTENA LIGADA NA LUZ E NA TREVA	46
PROFETA DA UTOPIA BRASILEIRA	53
‘SINTO A ANGÚSTIA INSTALADA NA CIDADE’	59
‘AS PESSOAS TÊM VERGONHA DE ME ELOGIAR’	67

'O MUNDO PARECE ASSUSTADOR'	74
'O BRASIL DEVE REPENSAR TUDO'	81
PÓS-VERDADE TROPICAL	86
QUEM JAMAIS TE ESQUECERIA	93
'MEU DESEJO É CONFUNDIR O ALGORITMO'	99
VENHA PARA A LUZ	106

Caetano Veloso

Histórias para ‘ler’ o mundo

Caro leitor,

Desde sua fundação, em 29 de julho de 1925, publicamos no GLOBO reportagens que servem como espelho do mundo. Das disputas políticas até a evolução de costumes, é possível “ler” nossa sociedade a partir do que foi noticiado pelo jornal. Fomos testemunhas de fatos marcantes. Vimos como a tecnologia modificou os hábitos privados. Celebramos vitórias no esporte e aplaudimos obras que deram novos rumos à criação artística.

Com informação confiável, reflexão e análise, O GLOBO registrou a História.

É por isso que nosso extenso acervo serve constantemente de fonte para universidades e pesquisadores. Resolvemos, então, selecionar alguns textos numa série de e-books. A proposta é reunir conteúdos publicados ao longo dos anos, com uma curadoria que privilegie a diversidade de vozes e a pluralidade de ideias — valores que sempre marcaram o jornalismo do GLOBO.

Neste volume, nós reproduzimos entrevistas publicadas pelo GLOBO com Caetano Veloso, um dos maiores representantes artistas da História do Brasil e que completa 80 anos em 2022.

O material foi preparado exclusivamente para você, nosso leitor, que escolheu O GLOBO para se manter informado sobre os mais variados temas. É um prazer tê-lo conosco em mais uma de nossas plataformas de distribuição.

Esperamos que você goste.

Alan Gripp,
diretor de Redação do GLOBO

Introdução

A primeira entrevista de Caetano Veloso ao GLOBO ocorreu em novembro de 1966. Foi um mês depois de ele ter conquistado, no Festival da Música Brasileira, o troféu concedido pelo GLOBO para a melhor letra por “Um dia” — o evento foi promovido pela TV Record, e recebeu apoio do jornal.

Mesmo sem ter ficado entre os cinco vencedores — o primeiro lugar foi dividido entre “A banda”, de Chico Buarque, defendida pelo autor ao lado de Nara Leão, e “Disparada”, de Geraldo Vandré, interpretada por Jair Rodrigues —, o “moço”, como é descrito o jovem de 24 anos pela reportagem, conquistou a atenção (e uma viagem à Itália) com seu talento.

Nos jornais do dia seguinte à final do concurso, aliás, ele é identificado como o “irmão de Maria Bethânia, famosa pela sua interpretação de ‘Carcará’, de João do Vale”. Como a reportagem do GLOBO lembra, Caetano veio parar no Rio acompanhando a irmã mais nova, convidada por Nara Leão, em 1965, para substituí-la no antológico espetáculo musical “Opinião”, dirigido por Augusto Boal e iniciado no ano anterior, poucos meses depois do golpe militar. No palco do Teatro de Arena, num show considerado “subversivo”, Bethânia imortalizaria “Carcará” e se tornaria a irmã famosa de Caetano.

Na conversa com o GLOBO, o cantor e compositor já revela sua vocação para o debate ao refutar a ideia da existência de um “grupo baiano” (“Não existe grupo. Há, sim, baianos”, diz um dos futuros idealizadores da Tropicália), mostra sua atenta observação do cenário musical brasileiro (como o papel fundamental da bossa nova), e também deixa claro saber que o caminho iniciado ali seria longo e frutífero. Ou, como aponta o título da reportagem, que ele tinha chegado “para ficar”.

— Começo a sentir os primeiros sintomas de uma nova virada. Ela está para acontecer, não tenham dúvidas.

Daí em diante foram muitas e muitas entrevistas, nas quais Caetano não se furtou a comentar, criticar, polemizar, debater, bater, elogiar, sem se preocupar em manter opiniões cristalizadas sobre nada. Ou sobre tudo. Da arte à política, assunto que permeia muitas e muitas conversas, assim como sua relação nem sempre pacífica com a própria imprensa. Por meio destas reportagens selecionadas no vasto acervo do jornal — que, aliás, teve Caetano como colunista no Segundo Caderno entre 2010 e 2014 —, é possível acompanhar a trajetória do Caetano músico, mas também do escritor, do leitor, do cinéfilo e do cineasta.

O homem que, ao completar 80 anos, ainda consegue se encantar e exaltar generosamente em sua arte a arte de recém-chegados. Que continua destemido para falar de sexo, masculinidade, tesão, ternura, e se reconhecer fluido. Atento aos avanços da tecnologia e à mudança na sociedade provocada pelas redes, mas mantendo sua rebeldia em relação a elas. Sempre de olho no que acontece no país e no mundo. Sempre mostrando as ideias que vão muito além da música.

Mànya Millen,
editora

‘Um dia’ Caetano chegou para ficar

Entrevista publicada em 25 de novembro de 1966

O moço também é baiano e chegou por aqui trazendo a irmã pelo braço, que o pai não queria que ela viesse sozinha. Caetano Veloso veio porque Maria Bethânia cismou de vir. Mas voltou logo. Na Bahia, à sua espera, havia um curso de Filosofia e os amigos da roda de música. Aqui, no Rio, Bethânia começava a pontificar, impondo o seu nome como substituta de Nara Leão no espetáculo “Opinião”. Caetano, na Bahia, roendo as unhas. E acabou vindo, ele, seu violão e poucas canções feitas, prontinhas para o disco.

Caetano Veloso



FOTO DE ARQUIVO/23.11.1966

‘Começo a sentir os primeiros sintomas de uma nova virada. Ela está para acontecer, não tenham dúvidas’

No recente Festival da Música Popular Brasileira, em São Paulo, o menino conquistou o prêmio destinado ao autor da melhor letra, com a canção “Um dia”, defendida pela cantora Maria Odete, em cima da hora. Ninguém esperava por isso. Nem ele próprio.

Moço simples de Santo Amaro da Purificação, Caetano Veloso conta, num bate-papo informal no Teatro Casa Grande, depois de apresentar-se com a conterrânea Gal Costa, que tudo nele nasce aos poucos e muito elaborado. O pedaço de letra nasce com a melodia, ele guarda, às vezes a ideia não consegue ir

adiante, até que um dia tudo toma forma. Assim foi com “Um dia”.

— Primeiro me nasceram alguns versos: “Abre os olhos/ Mostra o riso/ Quero, careço, preciso/ De ver você se alegrar/ Eu não estou indo embora/ Tô só preparando a hora/ De voltar”. A música estava nascendo para minha irmã, Maria Bethânia, que havia pedido uma canção que falasse em despedida. Mas acabei mandando a coisa para o concurso.

Caetano gravou, em São Paulo, um compacto com músicas suas. Nem viu o disco. Sabe que saiu, mas não botou os olhos na bolachinha. Gravadas na voz de Bethânia, Elis Regina e outras, tem sete músicas. E como deixou a faculdade, vive exclusivamente de música. Ou não vive, como gosta de acrescentar, já que seus direitos autorais, pelo tempo que tem de gravações, ainda não chegaram, na totalidade, ao seu bolso:

— Já gostei menos de “Um dia”. Achava a música feia. Hoje gosto um pouco mais, embora reconheça que se trata de uma canção desmembrada, de fórmula meio violenta. Maria Odete foi muito bem cantando a música, mas o seu estilo não é o meu. Bem, ela fez tudo com muita seriedade.

Para o moço, não existe o tal “grupo baiano” e ele gosta de dissertar sobre o assunto, para evitar más interpretações do fenômeno:

— Nós não estamos fazendo nenhum movimento. Eu, pessoalmente, não gosto que chame a gente de grupo. Todos nós viemos individualmente, cada um por sua conta. Claro, na Bahia, trabalhamos todos juntos e um dia nos dispersamos. Já nos conhecemos e sabemos de nossas carências. Mas, isso de nos chamarem de “Grupo Baiano” nos confere uma responsabilidade que nós não podemos aceitar. Não existe grupo. Há, sim, baianos.

O compositor de “Um dia” é, de fato, um encantado com a voz e a interpretação da irmã. E acha que, entre os baianos aqui radicados, Gilberto Gil é o melhor músico. Sobre Bethânia, tema de toda hora, diz Caetano Veloso:

— O que me espanta nela não é só a interpretação, mas a capacidade intuitiva de selecionar os elementos de comunicação, raríssima entre nossos artistas. No recente espetáculo “Pois é” não gostei muito dela. Mas no resto ela conseguiu superar todas as expectativas.

Ao contrário de outros, Caetano Veloso vê, no movimento bossanovista, um marco da maior importância na música popular brasileira. E acrescenta:

— A bossa nova foi o único momento sintético da música popular moderna. E nós ainda nos encontramos na sua faixa. João Gilberto e Tom Jobim, por exemplo, instauraram um horizonte artístico que nós não conseguimos, por ora, transpor. Isto é da maior importância e nos estimula a ir em frente.

E surge uma profecia nas palavras do compositor jovem, vindo da Bahia. Ele para e olha firme para o palco do Casa Grande. Ali, há poucos minutos, ele mostrou sua arte, acompanhando-se ao violão. Caetano Veloso tem a afirmação dos moços nos olhos fundos:

— Começo a sentir os primeiros sintomas de uma nova virada. Ela está para acontecer, não tenham dúvidas. Eu quero estar na crista dessa virada, com todo o meu coração. No mais, pode dizer no seu jornal que sou doido por Orlando Silva e Dorival Caymmi.



FOTO DE RODOLPHO MACHADO/11.01.1972

Os críticos musicais, segundo Caetano Veloso

‘Racistas e preconceituosos,
que não gostam de dançar’

Entrevista publicada em 31 de janeiro de 1979

O cantor e compositor Caetano Veloso acusou de “racista e preconceituosa” a crítica musical brasileira, à qual atribui a pouca receptividade obtida pelos seus dois últimos discos, “Bicho Baile Show” e “Muito”.

— Como eles (os críticos) têm muito preconceito contra discoteca e contra dançar, também têm preconceito contra pretos. Eles são racistas, os esquerdistas brasileiros são racistas. Isto aqui é meio África do Sul. São todos brancos contra os pretos. E eu sou meio preto.



FOTO DE ADALBERTO DINIZ/22.11.1972

Caetano voltou a criticar a atuação das chamadas “patrulhas ideológicas” e negou que haja uma intenção preconcebida do chamado grupo baiano em hostilizar as esquerdas:

— De minha parte a intenção não é essa. Mas eu não posso ser simpatizado por alguém que queira ter uma função política, porque eu nunca participei de um grupo político — afirmou.

O compositor — que ontem estreou no Teatro Castro Alves o seu show “Muito” — confirmou em entrevista publicada pela Tribuna da Bahia as declarações anteriores de que não vê com muita euforia a abertura prometida pelo Governo: “Eu não posso me sentir eufórico, pois ainda não são aberturas democráticas. E eu quero muito mais do que aberturas democráticas, mas, se elas acontecessem, já dava para ficar eufórico”.

Comentando uma declaração de Milton Nascimento, segundo a qual o papel do artista é delatar através da arte, Caetano discordou em parte da posição de seu colega, dizendo que a função do artista é “produzir arte verdadeira”.

— Mas o que é exatamente delatar? Me parece ser, mais ou menos, um sinônimo de denunciar, com a conotação um pouco mais pesada. Delatar dá a impressão de que você denuncia alguém a alguma autoridade. De todo modo, mesmo sem essa conotação, eu acho pouco, porque eu acho que a função do artista é, na verdade, produzir arte. E isso engloba muito mais que denunciar problemas, conscientizar pessoas do que está se passando com elas. Acho que vai um pouco além, não sei até onde, nem o quê.

Indagado sobre o que significou para ele ter participado da Passeata dos Cem Mil no Rio, em 1968, no lado de Chico Buarque e outros artistas, Caetano disse que, no dia, achou bonito “muita gente na rua”:

— Fiquei com medo, a princípio. Nunca tinha ido antes a uma manifestação daquelas, e nunca fui depois. Aquela passeata tinha um sentido objetivo político, eu até hoje não tenho uma visão política, crítica, daquilo. Mas não acho que seja preciso tudo isso para se tomar uma atitude.

**‘A vida é essa
mesma, as
pessoas não
pensam igual,
sentem coisas
diferentes umas
das outras e
isso é que é
fundamental’**

No trecho em que lhe foi perguntado sobre antigas e atuais contradições entre sua pessoa, seu trabalho e a crítica musical, Caetano se estendeu, fazendo uma espécie de histórico da situação.

— Eu não acompanho muito. É verdade, eu não leio muito, mas eu vejo de vez em quando. Quando eu falo que sempre tive dificuldades é porque, na época em que eu comecei a trabalhar, eu não tinha apoio crítico, exceto, e é uma honrosíssima exceção, os artigos de Augusto de Campos. Depois a parte que se chama tropicalismo começou

em 1967 e terminou em 68, durou um ano, na verdade um pouco menos. A gente foi preso e depois foi para Londres. Então, nessa parte, aí todo mundo elogiava a gente no Brasil. Porque a gente não estava aqui, era meio mártir, e as pessoas gostam desse negócio de mártir. Eu não gosto, eu detesto. Então, eles elogiavam, a gente era intocável, ninguém falava mal, porque a gente estava exilado. Mas logo que eu voltei de Londres começou de novo no “Pasquim” uma verdadeira campanha. A própria revista “Veja” publicou um artigo sobre a minha chegada. O cara que escreveu foi o mesmo que fez a crítica do “Muito”. Quando eu cheguei de Londres meti o maior piche nele. Tá lá, no “Pasquim”, bem explicado, o que era que eu pensava. Eu li agora, há pouco tempo, morri de rir e disse: puxa vida, que coisa tão atual. Eu já dizia a mesma coisa que eu digo agora, e eles diziam as mesmas coisas que dizem agora.

Continuando seu comentário sobre a crítica musical no Brasil, Caetano classificou seus profissionais de racistas.

— Em 77, com o “Bicho Baile Show”, como eles têm muito preconceito contra discoteca e contra dançar, também têm preconceito contra preto. Eles são racistas, e esses esquerdistas brasileiros são racistas. Isto aqui é meio África do Sul. São todos brancos contra os pretos. E eu sou meio preto. Então, foi isso, eles vieram com a carga total. Aí eu fiquei mais ou menos calado, só falei o que foi indispensável. Quando chegou agora, no “Muito”, eles fizeram uma cortina de silêncio, fingiram que aquilo era uma coisa desprezível, quando o LP é maravilhoso. Na minha opinião, é o melhor do ano passado, no Brasil, pelo menos dos artistas da minha faixa, entre o Chico, o Milton, eu, Gil, Bethânia, Gal, enfim, o meu é o melhor.

Numa apreciação “meio de longe” sobre o comportamento da crítica da música popular no Brasil, o compositor baiano a definiu como “um momentozinho da sofisticação da burguesia das cidades brasileiras” e disse que quer que ela amplie mais sua visão:

— Ela é uma coisa mais ou menos recente aqui. Não que não houvesse antes Ary Vasconcelos, o próprio (José Ramos) Tinhorão já trabalhava antes. Mas esse tipo que nasceu com a revista “Veja”, essa crítica meio moderna que começou com Tárík de Souza, esse tipo de crítica mais pretensiosa, mais tirada a fina, ela é pra mim uma coisa positiva, é um sinal de que tem essas revistas, é uma coisa legal, é um pouquinho de refinamento da burguesia brasileira. Isso é uma coisa boa, mas eu acho legal que a gente tome as coisas como elas verdadeiramente são. E a gente vai entender qual a razão da crítica se comportar dessa ou daquela maneira. Basta olhar e ver o que é realmente. E ela é isso, é um momentozinho da sofisticação da burguesia das cidades brasileiras. Eu quero que ela se sofisticue mais, que ela tenha maiores cisões, que ela amplie a sua visão.

Numa nova arremetida contra as chamadas “patrulhas ideológicas”, o compositor, que se diz membro da “patrulha odara”, nega que seu grupo seja “hostilizador das esquerdas”.

— Patrulha ideológica é uma expressão inventada por Cacá Diegues, que fez um tremendo sucesso. É engraçada, é muito boa. Existe a

ansiedade de identificar a mim, a Gil e também ao Glauber como hostilizadores das esquerdas. Não acho que o Gil ou Glauber pretendam isso. Da minha parte, tenho certeza, a intenção não é essa. Mas eu não posso ser simpatizado por ninguém que queira ter uma função política, porque eu nunca participei de um grupo político. Os únicos grupos de que eu já participei foram o grupo baiano, o movimento tropicalista, os Doces Bárbaros e a patrulha odara, que é um apelido que alguém botou na gente: o Glauber Rocha, o Gil, o Jorge Amado, o Cacá Diegues e eu. Assumi a patrulha odara. Eu acho tudo isso engraçado e estou curtindo. Mas acho que esse negócio de patrulha ideológica existe, acho que há algo em tudo isso, que não é destituído de fundamento.

— É assim mesmo — prosseguiu Caetano. — A vida é essa mesma, as coisas são complicadas, as pessoas não pensam igual, sentem coisas diferentes umas das outras e isso é que é fundamental. O que é que eu posso fazer? Não tenho livrinho vermelho para distribuir e todo mundo pensar que está tudo certo.

Caetano concordou com a denúncia de Gilberto Gil de que existe uma rixa do pessoal do Sul contra os baianos ou, como disse Gil, “contra o talento dos baianos”:

— Há alguma coisa. Eu já vi, por exemplo, na época em que o “Pasquim” escrevia coisas contra os baianos, dava muita bandeira. Eu já vi uma frase do Millôr Fernandes, na “Veja”, quando ele estava comemorando alguma coisa, bodas, de humorismo talvez, e dizia assim: “eu odeio todos os baianos que infestam a nossa cultura lítero-musical”. Parece que é uma praça de baianos, que a gente saiu de um lugar que não era o Brasil e foi se infiltrar na cultura brasileira. Eu acho que isso é uma bandeira, porque, ao mesmo tempo, é uma reação dos cariocas que pensam que o Rio é o Brasil, em relação a tudo que venha das províncias. Como a Bahia é a província mais forte, porque tem mais preto e mais história, então eles ficam assustados e, ao mesmo tempo, é uma demonstração da sociedade civil brasileira contra tudo que tente vislumbrar o tamanho de seu ridículo, que ameace levantar um pouquinho a cortina.

Caetano, o furioso

O novo cineasta
denuncia a 'burrice'
dos seus críticos

Entrevista a Geneton Moraes Neto,
publicada em 4 de dezembro de 1986

Eis o homem: estendido numa poltrona na cobertura de um apartamento na rua General Urquiza, no Leblon, o diretor de cinema Caetano Veloso saboreia a expectativa do lançamento comercial do filme “O cinema falado”, primeiro longa-metragem que realiza depois de um longo e platônico amor com as câmeras. Irônico, Caetano Veloso se considera um cantor de rádio que virou diretor de cinema apenas porque teve a chance de dirigir um filme.

Antes de viajar para Cuba, a cineasta Suzana Amaral disse — sem ter visto o filme — que o Caetano Veloso cineasta não passa de um “urubu da vanguarda”, ocupado em sugar o cadáver de modismos estéticos



FOTO DE ATHAYDE DOS SANTOS/02.05.1986

mortos e enterrados há dez anos. Na noite de exibição de “O cinema falado”, o cineasta Arthur Omar tentou interromper a sessão gritando que o filme era mistificação, uma porcaria.

Caetano abandona o ar relaxado, ergue-se da poltrona e começa a dar o troco. Ele não brinca. Credita os ataques ao atraso de vida da cultura brasileira. Diz que tem pena dos que vivem vestindo o figurino das vanguardas estrangeiras. Mais: critica a mentalidade sindicalista imbecil que quer separar, em guetos, os cineastas profissionais dos amadores. E constata, desolado: “O que explodiu não foi o filme. O que explodiu foi a burrice”.

As patrulhas ideológicas foram substituídas pelas patrulhas estéticas?

Há um pouco de patrulhas estéticas. As reações através dos anos têm sido tão frequentes! Digo que há um pouco de patrulhas estéticas porque, agora, há enganos esteticistas em que se pensam coisas assim: se eu pusesse Hamilton Vaz Pereira recitando um trecho do “Grande Sertão: Veredas” com a câmera mais parada e o plano mais aberto, com a parede toda branca e ele de camisa preta, tudo em preto e branco, algo parecido com o filme da Laurie Anderson — com umas coisas assim de “vanguarda” —, uma porção de gente ia pensar que seria bonito, porque pessoas assim ficam, coitadinhas, tendo de se paginar de acordo com o que pensam que é a vanguarda de Nova York e Londres. Coitadas: elas pensam que aquilo é o céu das coisas. E este é o problema.

O cinema brasileiro passou um bom tempo sem provocar polêmicas. Isso é um sinal de mediocridade?

A ausência de polêmica não é, necessariamente, um sinal de mediocridade. Eu preferiria, até, no caso deste filme, que não houvesse tanta polêmica, porque a polêmica nasceu justamente de um certo atraso de um grande número de pessoas, não só em relação ao que se passa no cinema, mas também em relação ao que se passa com a gente no Brasil. E, ainda, em relação ao que significa o fato de eu ser o que sou como músico popular, e ter feito o filme que fiz — e não outro. Há muito provincianismo, muita ignorância, muita pobreza, muita

preguiça mental. É esta a razão da polêmica. Então, o fato de ter havido polêmica não me parece salutar. O que me parece salutar é que, já que existe tanto atraso, o filme tenha sido capaz de provocar polêmica. Nós estaríamos em melhor situação se não necessitássemos dessa polêmica atrasada, que não tem nada a ver com o filme em si. É uma polêmica antiquada, anterior a tudo que foi feito.

**‘Há muito
provincianismo,
muita ignorância,
muita pobreza,
muita preguiça
mental’**

**O trono de detonador de polêmicas – vago
desde a morte de Glauber Rocha – encontrou
um ocupante?**

Sou um detonador de polêmicas de outra natureza, diferente de Glauber Rocha. Não tenho compromisso com o cinema como Glauber tinha. Nem com a música eu tenho o compromisso que Glauber tinha com o cinema. Faço de uma maneira mais despojada. Mas a polêmica é algo que

tem me acompanhado um bocado nesses anos todos, a maioria das vezes contra a minha vontade. Algumas vezes eu provoquei, porque queria, desejava e achava necessário. Mas, na maioria das vezes, é apenas uma questão de atraso das pessoas que estão aí para ver alguma coisa e ouvir uma música. Já encontrei reações de cineastas antes de eu sonhar em fazer esse filme. Já sofri agressão na área do jornalismo. Paulo Francis uma vez foi desonesto comigo na “Folha de São Paulo”. Ele até se retratou, mais ou menos. Décio Pignatari foi desonesto comigo, teve um problema esquisito comigo há algum tempo. São pessoas elevadas. Não sei porque acontece comigo. Em cada ocasião, sei mais ou menos por que, mas não é minha intenção. A polêmica agora eu sei porque surgiu: é atraso da moçada que reclamou. É atraso do ambiente. É atraso em relação à situação de eu ser um sujeito famoso e apresentar um filme. Ninguém ficou relax. As pessoas ficaram pensando assim: “Que atitude devo tomar? Eu não me deixarei impressionar! Não me

deixarei influenciar pela ideia de que ele é famoso!” (ao imitar a voz de um espectador imaginário, Caetano encena um ar raivoso, arregala os olhos e franze a testa, como se quisesse repetir uma expressão de espanto). Sou famoso. Ninguém pode fazer nada quanto a este fato. Não posso fazer nada. Sou famoso e pronto. A pessoa vai lá e vê o filme. Um bocado de gente fará assim: há pessoas que têm o relaxamento e a autenticidade para chegar e simplesmente ver o filme. O show “Uns” foi exatamente assim. Hoje, quando se ouve falar de alguma música do disco “Uns”, ninguém vai nem discutir. Mas a estreia do show no Canecão foi assim: as pessoas reagiram, também. Não quero nem falar do “Araçá azul” (disco experimental lançado por Caetano em 1973). Lá em Santo Amaro, na Bahia, quando eu estava filmando, meus amigos diziam: “Já sei o que vem por aí: Araçá azul — filme...” Depois, Arnaldo Jabor disse, com carinho, que o filme se parecia com o disco “Araçá azul”. Adorei, porque as pessoas de Santo Amaro já tinham dito isso. Adoro o disco, mas gosto mais do filme. Pelo seguinte: o “Araçá azul” é um disco que parece uma trilha sonora de um curta-metragem amador. E o filme “O cinema falado” já é um longa-metragem amador. É melhor, portanto. Mais bonito. E, depois, que ideia é essa de amador e profissional? Parece que todo mundo tem de viver num sindicalismo imbecil, um corporativismo! Você tem de ser cineasta! Quem é que diz quem deve ser cineasta? É tão difícil julgar... A musicalidade de uma pessoa você pode testar, na medida em que você ainda acha que a música tonal é que é a música. Se não, nem assim. Mas há mil cinemas.

Ter medo do Caetano Veloso cineasta é sinal de burrice?

Ter medo e se entregar ao medo é sinal de burrice. Você não viu o filme e vai logo falando mal, de antemão, somente porque acha que não tenho o direito de fazer e quer me proibir de falar porque teme que eu tome o espaço alheio, porque sou famoso. “A hora da estrela” é comovente. Gostei tanto porque sou um sujeito de temperamento compassivo. Aquilo me comove. Chorei no cinema. Marcélia Cartaxo (atriz principal do filme) é absolutamente maravilhosa.

Suzana Amaral, a diretora, diz que você é um “urubu da vanguarda”, porque quer ressuscitar uma estética cinematográfica morta e enterrada há pelo menos dez anos. Dá raiva?

Dá. A declaração dela é de uma agressividade terrível contra mim. Ela me chamou de “urubu da vanguarda”, falou de cadáveres e usou palavras fortes assim, mas sem razão, porque ela, uma senhora de família que dirigiu um filme ingênuo e inspirado como “A hora da estrela”, não pode estar usando palavras violentas contra mim. Aquilo me deixa mal. Fiquei com raiva e um pouco deprimido até. É desagradável. Não gostaria nunca que aquilo tivesse acontecido. É um atraso de vida.

Você compra a briga com Artur Omar (realizador de “Tristes trópicos”, um dos cult-movies do cinema underground carioca dos anos 70), o cineasta underground que disse que o seu filme é uma porcaria, é vanguarda de amador e uma mistificação?

Não conhecia Arthur Omar. É um bom lançamento dele, para mim. O meu filme eu já tinha visto cinco vezes e gostado um bocado. Agora aprendi o nome de Arthur Omar. Conheço cineastas tanto underground como caretas. Conheço undergrounds que viraram caretas e caretas que ficaram meio undergrounds. Conheço todos, mas não me lembro de ter visto nenhum filme de Artur Omar. É uma falha de minha formação. Não quero ser irônico, mas não conhecia e não tenho raiva.

Jean-Luc Godard já era?

É o cineasta mais interessante que existe no mundo ainda. “Je vous salue, Marie” é deslumbrante. Dizem que “Passion” também. Outro dele, o “Sauve qui peut la vie”, lançado no Brasil em 1980 com o título de “Salve-se quem puder”, é maravilhoso. Você acha que vou preferir o quê, no lugar de Godard? Aquilo é lindo porque tem frescor, inspiração, soltura, leveza, profundidade e vida. O filme “Detetive” é meio chato, menos interessante. No meu “O cinema falado” incluí uma cena em que Dedé Veloso diz que este filme de Godard é chato. Há outros cineastas que fazem coisas que Godard não faria e adoro, como Stanley Kubrick, Akira Kurosawa, Fellini. Mas Godard tem algo que eles não têm: uma soltura, uma leveza, uma coisa louca. Fui rever agora o “Week end”. Godard humilha todo mundo!

Caetano Veloso

Não posso falar mal dele só porque alguns dizem que ele já morreu. Ora, as pessoas têm mania de viver em décadas. Não vivo em décadas, vivo a vida. Décadas? Não sou uma folhinha de calendário. Sou uma pessoa. Associo meu filme a Godard. Só não associo mais por modéstia e por reconhecer nele uma grandeza, um pioneirismo, uma inspiração e um savoir-faire com os quais não posso nem de longe tentar competir. Meu filme é um voo doméstico., uma coisa que funciona no Brasil. É para mexer com a gente.

A petulância de viver a verdade tropical

Em disco e livro, o compositor
reafirma posições e acirra conflitos
para afirmar sua singularidade
na vida cultural brasileira



Entrevista a Antonio Carlos Miguel, Hugo Sukman, João Máximo
e Paulo Sérgio

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Um disco que se chama “Livro” e um livro sobre música mostram, mais do que o gosto pela experimentação, uma fidelidade de Caetano Veloso às suas próprias viagens intelectuais e sonoras. Nas 524 páginas de “Verdade tropical” (Companhia das Letras), ele tenta reproduzir as idas e vindas de sua cabeça nos idos de 67, 68, em movimentos que deram na Tropicália e que possibilitaram “Livro”. E das 14 faixas deste, o que ressurge, transfigurada, é a provocativa mistura de referências eruditas e populares que foi sua invenção



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

recente. Na época, eu reagia contra o nome, sinceramente. Não queria que parecesse uma coisa dos trópicos, brasileira. Quer dizer: queria que parecesse isso também, mas não que essa ideia afogasse todas as outras sugestões. A gente falava em som universal, era criticado por não ser nacional. Então a palavra tropicalismo parecia uma contradição com isso, mas essa contradição é real, que nós vivemos tendo feito aquilo. Hoje acho lindo que tenha sido esse afinal o nome do movimento, porque hoje me interessa mais em poder teimar contra os editores deste livro e contra alguns amigos inteligentes e queridos que não aprovavam o título “Verdade tropical”. Esse título eu acabei defendendo sozinho. Tinha um outro título inventado por mim que era “Meu trópico”, que todos apoiavam. “Verdade tropical”, para além do trocadilho com “Vereda tropical”, que cai bem numa história do tropicalismo. O bolero, apresenta uma questão profunda para todos nós. Por isso a expressão que nós temos, e eu acho que isso faz parte dos conteúdos que fizeram com que as pessoas reagissem contra o título, é de que nós não temos o direito de unir essas coisas. Mas a petulância de dizer “Verdade tropical” tem a ver com alguma coisa que penso hoje e que não era o caso na época.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

O livro não reabre certas questões? Por exemplo: você diz que “Paulinho da Viola é um cultor do samba tradicional” e que “Edu Lobo é um estilizador da ‘música nordestina’”. A impressão é de que você põe o tropicalismo acima das outras correntes...

Não fizemos o tropicalismo sem acreditar que ele fosse necessário. Não que ele esteja acima das outras coisas, mas quanto àquelas questões, que foram enfrentadas daquela maneira, nós é que tínhamos razão. Isso não impede que fulano ou beltrano sejam bons. O Edu, por exemplo, é um músico muito superior a mim e não vai deixar de ser por isso e não deixou de ser por isso. Ainda por cima o tropicalismo fez tudo isso de tal maneira que não criou uma desvalorização dos outros que não tinham atingido essa intuição. Agora, a superioridade dessa intuição enquanto

intuição é real e me parece igualmente defensável hoje, apenas isso. Igualmente discutível também, mas igualmente defensável, e porque estou na posição de contar de dentro, obrigatoriamente defensável. Até digo: tenho dúvidas se talvez eu não tenha conseguido um prestígio que dependeu justamente de uma queda de nível num processo de massificação que eu mesmo contribuí para que se realizasse.

Você escreve: “Em que medida que a oportunidade que se me ofereceu de brilhar como grande figura da história recente da MPB se deve à queda de nível de exigência promovida pela mesma onda de ostensiva massificação que eu contribuí para criar?” É uma pergunta pertinente. É uma discussão que admito e que aparece na minha cabeça. Agora, não vou escrever um livro contando o que valeu minha experiência... Se eu tivesse decidido de antemão que de fato não valeu nada eu não escreveria o livro. Uma vez que escrevi, tenho que defender as coisas que fiz. Então não podia ser contra, a não ser que fosse um mea culpa, que não é o caso.



Esse a... Mas é natural. Acho que nós justamente estamos maduros para dialogar, para discutir em tempo real... Então esse compromisso difícil, com uma pessoa de nome... reconciliação — infelizmente eu... — se deu em Londres. Foi com o Geraldo Vandré e infelizmente não narrei no livro essa reconciliação. Houve de fato uma briga. Briga no sentido mesmo de haver coisas que considere, e contei no livro, que não eram aceitáveis por mim. Não houve nada assim com nenhuma outra pessoa.

Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

E o Torquato Neto?

Não! (espanta-se) Torquato era um tropicalista. O único problema de Torquato, como digo no livro, é que ele se tornou um pouco sectário, a gente notava. Ele tendia a desprezar aqueles que não estavam dentro do universo de interesse que nós tínhamos elegido. Mas nunca brigamos, de jeito nenhum.

O tropicalismo deliberadamente valorizou trabalhos como os de Roberto Carlos e Jorge Ben, que são totalmente diversos da linha jobiniana da música brasileira. A impressão é que isso foi valorizado em detrimento da linha jobiniana, harmônica.

Em detrimento dela não, não creio. João Gilberto está no livro acima disso tudo, e Tom Jobim também. Não creio. O que você quer dizer é o seguinte: da nossa geração, os que ficaram num desenvolvimento de corolários dos prosseguimentos da bossa nova apareceram para a cabeça de 68 como relativamente ingênuos em comparação com a intuição tropicalista. Isso é verdade. Como disse antes, isso não quer dizer que sejam artistas menores. Tem coisas que eu mantive, mas que eu mesmo acho duro de aguentar. O meu desprezo pelo Beco das Garrafas, por exemplo, é mera autobiografia, aquilo não é opinião minha, eu não tenho aquilo, sofro. O desprezo pelo Beco das Garrafas eu não comento, digo e mantenho. O disco novo tem em muitos aspectos um desmentido o disco antigo, pelo tipo de arranjo escolhido, jazzístico, mais para sopros, mais elaborado com o primeiro disco de Sergio Mendes, que o Tom Jobim colaborou para arranjar. Nós gostávamos muito desse disco e eu não mencionei no livro, e não fiz essa mudança, porque o



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Você concorda que a bossa nova é cada vez mais estudada e cada vez mais mal estudada?

Concordo e, mais do que isso, digo no meu próprio livro que talvez fosse mais responsável da minha parte se eu tivesse escrito um livro sobre João Gilberto. A análise do João. E digo que não fiz porque, em primeiro lugar, temo que eu não agrade ao próprio João. Agora, uma coisa é certa, o tropicalismo é mais jornalístico, a bossa nova é mais musical. A bossa nova é um acontecimento mais exclusivamente

‘O tropicalismo era um amor pela criação de música popular de boa qualidade no Brasil, uma exigência de sofisticação e de responsabilidade por essa sofisticação’



musical, então ela precisa de uma análise musical. Eu me proporia a trabalhar até em conjunto com alguém que estivesse melhor armado musicalmente para fazer uma análise mais complexa. Eu tenho um traquejo da música suficiente para escrever sobre a bossa nova de uma maneira interessante. Mas se eu fosse fazer um trabalho em profundidade, como gostaria de fazer... Mas não sei se realmente poderei fazer, é uma coisa, que só estou falando para afirmar a sua opinião. Concordo por cento com ela.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Gilberto Gil recentemente e que agora se acha mais tropicalista do que na época. E você, até que ponto continua sendo tropicalista? Afinal, muitas das suas músicas, e “Livro” tem muitos exemplos da grande canção brasileira do que dos

Mais ou menos. Por um lado, o tropicalismo foi um esforço de regenerar o ambiente em que isso que você disse se dá. Era um amor pela criação de música popular de boa qualidade no Brasil, então era uma exigência de sofisticação e de responsabilidade por essa sofisticação, e uma coragem de enfrentar a própria saúde que é a criação de música popular no Brasil.

Você dizia que a música andava banalizada...

A tendência era achar que fazer bem era resguardar, não arriscar, não expor sua vitalidade, não exercitar os músculos do organismo. Um disco que seja uma reafirmação da grandeza dessa tradição estará sempre coerente com o tropicalismo em princípio. E, por outro lado,

Caetano Veloso

“Você falou em ‘Doideca’, que é uma das duas faixas que mais gosto no disco, ao lado de ‘Minha voz, minha vida’. Embora goste de todo o resto, logo em seguida vem ‘How beautiful could a being be’, ‘Um tom’, ‘Manhatã’, que acho muito linda, sobretudo porque a sonoridade saiu como eu queria. ‘Livros’ é uma canção linda. Mas não posso negar também que o tropicalismo não tinha um tipo de canção, nenhum de nós pode negar que o tropicalismo fosse assim. Havia canções como ‘Pra ninguém’ no tropicalismo também.”

Quer dizer, não há uma canção tropicalista da mesma forma que existe uma canção bossa nova?

Não, o tropicalismo eram notícias sobre atitudes tomadas em relação a formas várias, mais do que a criação de uma forma.

Então ninguém é mais tropicalista do que outro.

Isso eu concordo, mas não concordo com Gil dizer que não sabia. Ele falou tudo antes, teve as intuições e me forçou a ir à frente com o temperamento dele.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

O capítulo em que viu... realizados, fala algo que confirma is... não será isso que você também faz, um livro, um disco, em frações?

Engraçado, Augusto de Campos, nesta semana, me disse: “você tem uma visão prismática de tudo”. Fiquei feliz.

Você narra uma passeata em São Paulo, na qual você fez um happening, e tem uma frase em que você diz “neste momento me sinto superior a Edu Lobo e Chico Buarque”. Isso foi uma explosão do inconsciente?

Sei lá, acho que quis caracterizar o que é esse tipo de entusiasmo narcísico. Acho ridículo, há uma ironia. Narciso, aquela interrogação, aí eu me entrego. Porque tenho uma certa desconfiança desses arroubos.

As letras continuam excelentes, mas musicalmente este novo disco é um trabalho especial...

Escrevi com os arranjos já prontos, só pensava na sonoridade. Meu sonho com esse disco foi todo na sonoridade. As percussões baianas modernas com esses arranjos sofisticados, muito próximo de Gil Evans. O disco ia se chamar “Prenda minha”, mas resolvi deixar “Livro” mesmo, sei lá, os gaúchos podem pensar que é com eles, eu ia ter que explicar (gargalhadas).

E “Doideca”? A música tem muito do Arrigo Barnabé...

É bem parecido com Arrigo Barnabé, é bem “Clara crocodilo”, que adoro. Mas tem ritmo calcado no drum'n'bass.

Incomoda a junção de uma coisa sofisticada com uma música quase desprovida de harmonia.



A ideia nasceu do fato de que autores e compositores destas músicas chamadas jungle, drum'n'bass e techno são os maiores

consumidores de música contemporânea, que é uma música altamente impopular, que não

tem público nem entre apreciadores de música erudita. A arte de vanguarda vive

(“Cinema falado”, como em raros filmes no mundo. Aliás, como nenhum filme no mundo.

Godard não chega a dizer coisas como aquelas.

Você cita Otto Maria Carpeaux sobre o fato de o conservadorismo ser próprio da música...

O que é equivalente de Miró em música ninguém ouve. Esse pessoal techno gosta dessa gente. Eu pensei: não vou imitar o que eles fazem, aí fiz uma série dodecafônica no piano, depois espelhei. De trás para frente parece outra coisa, mas são as mesmas notas na ordem inversa. A introdução de “Você é minha” é a introdução de “Você é linda”, que o Jaquinho (Jaques Morelenbaum) espelhou.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

O disco é muito referencial, não há uma faixa que não seja sobre alguma coisa. “Verdade tropical” é assim, naturalmente. Você está numa fase assim? Eu já sou assim o tempo todo (risos). Neste disco talvez seja mais evidente, a começar por este título, “Livro”. Mas eu não parti dos pensamentos. A gente passou a excursão inteira na Europa ouvindo a caixa do Miles Davis com Gil Evans. Cada coisa maravilhosa tem ali! Ouvimos isso o tempo todo e o disco branco do João Gilberto. Na “Baixa do Sapateiro” eu disse: “Luiz (Brasil, arranjador e violonista), quando chegar no Brasil eu quero que você pegue essa base do João e transcreva ipsis litteris para os metais, é esse o caminho, quero usar a percussão da Bahia”.

Quando você bota João Gilberto num pedestal não estaria diminuindo o papel de Tom Jobim?

São papéis muito diferentes. O papel de Tom Jobim não dava para ser muito abalado, a posição dele é insubstituível. Tom Jobim é o maior compositor de música popular do Brasil. A tradição tinha um leque de figuras indigestíssimo, você tinha que olhar para trás e dizer que vai fazer melhor do que eles. Mas o que o Brasil produziu foi Antonio Carlos Jobim, não é o cara que quer referenciar João Gilberto. Ele fez um nó, abriu um universo, é um ponto de mutação, uma revolução epistemológica. E o Tom Jobim tal como o conhecemos tornou-se possível porque João fez isso. O que não faz de João superior. O Piazzolla morreu dizendo “não quero que chamem a minha música de tango!”. E era tango (indigna-se). O João passou 15 anos e nem dizia a palavra bossa nova na letra de “Desafinado”: “é samba, é samba, não quero que chamem de outra coisa”, dizia.

Mas ele é a bossa nova...

A bossa nova é samba (eleva ainda mais o tom de voz). Ele é o samba. Quem não entender isso está por fora. Agora, às vezes vejo a bossa ser separada do samba como se fossem duas coisas diferentes. O João é o samba em pessoa.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Paulinho da Viola é samba carioca preservado, andando para frente como se não tivesse ouvido a bossa nova. Isso é uma clareira maravilhosa. Isso não é minha opinião, é a evidência que se apresenta diante de mim. Enquanto não entenderem isso, fica o ridículo de dizer “isso é samba, bossa nova ou MPB?”. Porra, se a pessoa pergunta isso, é melhor não perguntar nada.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

'A estrela baiana, sou eu'

Com novo show a caminho, Caetano Veloso rompe o silêncio, critica FH e ACM e se diz 'de saco cheio' com os rumos do país



Entrevista a Antonio Carlos Miguel, publicada em 1964

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Seis meses depois de lançar o CD "Noites do Norte", Caetano Veloso prepara sua volta aos palcos. Como a estreia do show homônimo foi adiada para junho, numa atitude inédita na música popular, no próximo fim de semana o cantor fará ensaios abertos, com preços populares, no Canecão. E, depois de nos últimos meses ter evitado a imprensa, nessa entrevista posiciona-se em relação à política brasileira. Declarando-se desiludido com os rumos da nação ("Estou de saco cheio!") Caetano delimita suas diferenças em relação ao governo FH e refuta a ideia de que estaria automaticamente apoiando o conterrâneo ACM.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Por que, ao receber o troféu de melhor cantor no Prêmio Multishow, você disse só ficar feliz quando canta?

Tim Maia dizia que quando não estava cantando podia fazer besteira. E eu que, quando não estou cantando, acho o mundo chato. Gosto da festa do prêmio, mas o prêmio para mim não é uma coisa que me agrade muito, nem acho que mereça se comparado aos que estavam concorrendo comigo e aos outros que estão aí e são bons. Mas o que eu gosto mesmo é de cantar. Todos os dias eu meloro somente por ter estado cantando no ensaio do show. Então, aquela hora me dá uma alegria.

Você falou genericamente do mundo, mas se percebe, desde o CD “Livro”, e agora com “Noites do Norte”, que, sem abrir mão de sua brasilidade, sua música é melhor recebida pela crítica estrangeira do que aqui no Brasil...

Sem dúvida eles mostraram muito mais entusiasmo. Eu pessoalmente fiquei entusiasmado com o disco porque ele tenha tido esse reconhecimento internacional. Quando para o mundo, está difícil. Por exemplo, acho chato os japoneses derrubarem as estátuas de Buda. Eu não gosto de Buda, mas não gosto de derrubar. Não gosto de pensar, porém, gente má tem que pagar por isso. Não gosto muito de religião, mas gosto de Buda. E reconheço a importância do Islã nessa caminhada no século 20. O mundo árabe foi importante e como o mundo árabe foi importante, a ideia central a ser resolvida nas discussões do Ocidente. Dos lugares do mundo que eu mais gosto, qualquer pessoa que viaje comigo através dos anos poderá confirmar isso, é Israel. Gosto espontaneamente daquilo ali e sinto coisas muito profundas quando estou lá, me identifico. Mas o momento é difícil.

E o Brasil?

A própria ideia do Brasil como nação me cansa, estou de saco cheio. E não posso ver mais ou menos na opinião pública uma conclusão não autorizada de que eu seria um apoiador do governo Fernando Henrique Cardoso. Ou que houvesse uma identificação entre mim e a minha visão de mundo e o governo Fernando Henrique. Não votei em Fernando



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Henrique para o segundo mandato, acho inaceitável que o governo dele deixe as coisas chegarem a esse ponto, tanto no caso da CPI da Corrupção, de ter que agir do jeito que agiu, quanto no caso da energia. Nisso é inaceitável dizer que foi pego de surpresa. Acho uma tristeza dizer que o governo de Fernando Henrique parece pecar justamente pela burrice e que o PSDB em geral tenda a isso. O próprio desenrolar da relação de Fernando Henrique com o PFL terminou mal-acabado. Quando você o vê mais perto de Jader Barbalho, de Wellington Moreira Franco, para poder se livrar de Antonio Carlos, acho horrível tudo isso.

E a outra associação, que muita gente ainda faz, de você com Antonio Carlos Magalhães?

A associação automática com Antonio Carlos Magalhães é simplesmente ofensiva. Eu fui numa conferência sobre o tropicalismo, na Faculdade Candido Mendes, e as pessoas eram muito inteligentes, tanto na mesa quanto na plateia, todas as perguntas e respostas foram de grande civilidade.



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Mas um jornalista, que foi lá para tentar me pegar, porque sabia que estariam falando de mim, me perguntou: "Por que você não diz de onde você veio? Você é baiano? Porque sou baiano? Isso é racismo oficial? A imprensa adora Antonio Carlos Magalhães, mas não gosta de mim. E ninguém vai me fazer tomar a palavra para fazer um show para encher mais o jornal de Antonio Carlos Magalhaes. Agora, nunca, em toda sua história política, que pode estar e pode não estar acabando neste momento, Antonio Carlos contou com o meu apoio político. Mas não quero me vangloriar disso neste momento. Acho que ele fez por merecer as dificuldades pelas quais está passando, mas não tenho obrigação de me pronunciar sobre isso, e não ter me pronunciado significa que não tenho nada a contrapor ao que está sendo decidido no Senado. Mas uma coisa é inegável: na Bahia, Antonio Carlos foi o maior talento político que se produziu. E ele se produziu contra coronéis muito mais retrógrados que, depois, vieram se unir com a esquerda todas as vezes que a esquerda quis derrubá-lo. Com a qual eu colaborei nas campanhas para tentar

derrubá-lo. Mas o fato é que são coronéis do sertão, daquele estilo antigo, anteriores e muito mais arcaicos que Antonio Carlos. E, além do talento político para se manter no poder, ele sabe vincular isso à capacidade de administração, e reuniu nos últimos anos muitos administradores competentes. Mas não vi um levante dos baianos em favor de Antonio Carlos, não vi Ivete Sangalo, Daniela Mercury, Gil, Caetano, todo mundo correndo para apoiar ACM. Ficaram Gal e Zélia (Gattai), os únicos nomes de status artístico ali. E, enquanto isso, os estudantes estão saindo para protestar. A minha posição não mudou, nunca apoiei e não é agora que iria apoiar. Mas tampouco quero tirar proveito. Dizer “nunca apoiei Antonio Carlos” para parecer bacaninha. Da mesma forma que também não critico Fernando Henrique para isso. O que quero é assustar os chatos, afastar os chatos da minha vida. Sejam fãs, compradores, consumidores, admiradores... Não quero gente correndo atrás de mim.



Em entrevista ao GLOBO, Dori Caymmi afirmou: “a Bahia hoje é uma coisa pavorosa”, mas que, mesmo sendo contrário a ACM, condena o patrulhamento que Gal Costa e Zélia Gattai sofreram por apoiar os coronéis. Como você vê as declarações de Dori?

O que eu acho das coisas mais lindas que ouvi ultimamente, que mais me tocaram. É o disco brasileiro mais rico musicalmente e historicamente e culturalmente. É uma música e histórica. O que mais ressalta para mim é que neste momento Antonio Carlos Magalhães precisou da Gal. Nunca na minha mente encontrei em nenhuma instância um momento ou situação em que Gal precisasse de ACM para ser quem ela é. Então, as coisas não podem ter esse peso desse jeito. Leio muito nos jornais o que está acontecendo, Janio de Freitas, Márcio Moreira Alves, acompanhei na TV os depoimentos no Senado e a acareação, e é tudo muito complexo. É evidente que, quando Dora Kramer escreveu dizendo que o que a CPI da Corrupção queria era instaurar, ao mesmo tempo, uma mistura de oportunismo e irresponsabilidade e que era uma confusão desnecessária, concordo com ela. E nesse ponto, portanto, também concordo com Fernando Henrique.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘O que quero
é afastar os chatos
da minha vida.
Sejam fãs,
compradores,
consumidores,
admiradores...
Não quero gente
chata atrás de mim’



Por que você é tão admirado quanto Roberto Carlos? Até por colegas como Lobão, Macalé e Marcelo D2?

A rejeição de Lobão, Macalé e Marcelo D2 por mim foi o grande motivo. Quando Lobão falou que se recusara porque eu era o produtor. Quis posar de bacaninha para mim. Mas eu não sou um admirador do trabalho dele e não quero posar de admirador dele. Eu sou eu e da minha música para fazer o que faz. Quanto a Lobão, vi no GLOBO o que escreveu. Um texto péssimo, confuso, querendo usar coisas que seriam bombásticas, mas não resultam bombásticas. No entanto, o trecho de letra de canção sobre mim é muito bom. A letra que está ali no meio daquela confusão é bonita e toca em coisas interessantes. Acho uma intuição bonita o apelo que me faz, “chega de verdade”, uma frase linda, nietzschiana, digna do melhor Lobão. Gostaria de atender a esse pedido. Mas acho João Gilberto o maior artista brasileiro. E a gravação de “Me chama” de João Gilberto, independentemente da opinião de Lobão e da de João Gilberto, para mim é extraordinária.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

“Rock’n’Raul” provocou reações, fãs de Raul Seixas a entenderam como ofensiva...

A música é uma homenagem a Raul, nos termos dele, não no estilo dele, embora seja mais rock’n’roll que a maioria das coisas que venho fazendo ultimamente. É um diálogo com ele também, cantada na primeira pessoa, como se fosse Raul que tivesse dizendo aquilo, inclusive numa reação contra mim. Mas nunca tive o menor problema com Raul, nem privado nem publicamente.

Mas, na juventude em Salvador, o roqueiro Raul não se opunha aos fãs da bossa?

A gente sabe disso e está no meu livro. Mas depois, quando voltei de Londres, ele me procurou. Raul gostava muito de conversar comigo porque era careta como eu, não tomava drogas, nem bebia, e tinha o mesmo peso que eu: 48 quilos. Continuo não tomando drogas, fora a Coca-Cola (risos), e teve uma altura em que  passou a beber e tomar outras coisas, mas continuou indo na minha casa conversar. Era muito engraçado, lembrava das coisas da Bahia, como sobre aquela época, as coisas do mundo e da música. Mas muito com aquela loucura de americano, ficava

falando coisas que eu não entendia. Um período, que era de andar com revólver, de botar o revólver em cima da mesa. O que é uma coisa bem americana, eles adoram essa coisa.

Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

A Tropicália teve o id . Hoje, isso aplicado indiscriminadamente não leva à banalização geral?

Isso já foi falado nos anos 70. Zuenir Ventura perguntava, “você não acha que vocês instauraram uma complacência crítica, não há esse risco?”. Não vou dizer que não haja, mas o que me move a fazer as coisas é sempre uma exigência crítica.

Depois de sucessivas ondas hegemônicas na MPB, axé, sertanejo, pagode, percebe-se agora que o funk começa a sair da mídia sem conseguir o mesmo sucesso de vendas. A diversidade vai voltar?

Não penso nisso, não espero nada. Mas não menciono os fenômenos de mercado se não for por uma necessidade crítica muito profunda. Não falei

sobre axé, sertanejo e pagode por achar que devêssemos ser complacentes criticamente. E sim por ter interesse estético, sociológico e antropológico nesses fenômenos. E tenho muito interesse em desrespeitar aqueles que pensam em se valorizar esnobando esses fenômenos. O funk não foi um fenômeno de vendas como foi o axé, pagode e sertanejo, mas vem sendo há décadas um fenômeno das massas das favelas cariocas. E a Bahia foi o primeiro lugar a importar isso, logo que o movimento Black Rio surgiu aqui, e tem até hoje os bailes funks de Periperi. Eu aliás, também na época, fiz, em 1978, um show chamado “Bicho baile show”, com a Banda Black Rio, tirando as cadeiras do teatro Carlos Gomes, para demonstrar a minha atração por aquilo, eu que tinha voltado da África quando fiz o disco “Bicho”. Naturalmente na época, ninguém entendeu nada, a crítica caiu de pau e o show foi um fracasso de público e de crítica, mas era espetacular e eu tenho muito orgulho de ter feito aquilo logo. Fiquei sabendo que existem gravações boas daquele show com a Banda Black Rio, isso poderá ser uma coisa muito interessante



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Antena ligada na luz e na treva

Caetano relativiza
suas verdades
e investe na dúvida



Entrevista a Arnaldo Bloch,
publicada em 1997

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘C oração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota/ e adiar para outro século a felicidade coletiva./ Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição/porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.’ Espantado com a brutal clarividência de Drummond neste trecho de um poema de 1930, Caetano Veloso, em entrevista ao GLOBO, postula que “poetas são profetas”, assim como — disse Ezra Pound — “os artistas são as antenas da raça”. Contudo, a antena do baiano, que está lançando “Noites do Norte ao vivo”, sofre flutuações de sintonia: certezas há



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

pouco inabaláveis fundem-se em geleia cerebral neotropicalista. Se parecia decidido por Lula, Caetano agora hesita entre o petista e a esfera Fernando Henrique Cardoso. Ou fica com ambos: “Não posso abrir mão de dois tesouros do país”. Elogia a “importância histórica e a altivez da política externa de FH”, embora afirme que ACM tem “mais talento político” que o presidente. Mas tranquiliza os circunstantes, advertindo que suas próprias posições políticas “não servem para nada” por serem “confusas e despreparadas.” Na cultura, diz-se cego para novas vanguardas, inserido que está “num fenômeno quantitativo suspeitíssimo, que é a indústria cultural”. Já a eclosão da guerra após os atentados aos Estados Unidos no 11 de Setembro o deprime, mas também o excita: seria o mote para o Brasil afirmar sua singularidade, vencendo a sombra que ofusca seu brilho pan-americano ante o grande irmão americano. Bendita profecia...



Num intervalo entre a divulgação do disco e os ensaios para o show de lançamento, Caetano Veloso participa de uma entrevista na Sala Caetano, um amplo espaço privê de duas dependências na gravadora Universal, que –

Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Sua semelhança com Bin Laden foi assunto há dias. A árvore genealógica da família vai dar no Oriente?

Temos uma cara semítica. Quando estive em Israel, vi muita gente do Iêmen parecida com a minha família, o pessoal me confundia com judeu iemenita. Vai ver eu sou. Perguntavam também se eu sou árabe. Meu pai era mulato. Minha mãe parece indiana. Tem muito a nossa cara no sul de Portugal, na Sicília. Você sabe, os mouros...

Meses atrás, você disse ao GLOBO que a destruição de estátuas do Buda pelos talibãs o deprimia. É a guerra?

Tive uma sensação de abatimento combinada com uma grande excitação: a excitação da mudança de cenário, que não eliminava a dor de ver Nova York machucada. Eu amo Manhattan. Canto “Manhatã” agora em todos os shows. E faço uma ode à cidade no último capítulo de meu livro.

E, na introdução, fala da singularidade do Brasil e de sua condição de sombra dos EUA. É hora de a singularidade sair da sombra?

Bush (George W. Bush, presidente dos EUA na época) faz dos gestos de guerra americanos os gestos a que devem aderir incondicionalmente todos os países e povos que não sejam inimigos dos EUA. Não gosto disso, ainda que eu possa concordar em lutar ao lado dele. Na teoria, é uma guerra contra o terrorismo que empiricamente, não se confirma.

Contra qual terrorismo? Ora, foi a resposta inevitável à violência que os EUA sofreram. Uma coisa a gente perdoa, porque entende. Mas transformar Bin Laden numa grande figura, oponente numa guerra, não é uma resposta empírica. É uma resposta de racionalidade ali.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Como você vê a posição do Brasil em relação aos EUA? Gosto do tom, que é de respeito. O Brasil tem patentes, pleito brasileiro já legitimado pela História. Isso representa o que há de positivo no Governo FH, o que não é pouca coisa. Vale uma busca brasileira de afirmar sua singularidade. Não que eu veja uma perspectiva nacionalista: é uma marca da minha trajetória o antinacionalismo.

E qual a síntese possível da identidade nacional?

Sinceramente, não fico procurando uma síntese. Dentro de mim o Brasil está resolvido. A gente precisa é ter a ambição de fazer desse “acontecimento Brasil” uma expressão histórica. É claro que é um acontecimento transitório, mas como a gente está no bojo, num estágio muito específico, tem que buscar um significado para nosso papel.

‘As rupturas até hoje não são aceitas pela mente dos homens reais. Apenas como caricaturas de ruptura’

Lula é o seu candidato?

Eu dissera, no infinitivo, que votar em Lula era uma possibilidade que estava, como está ainda, entre as que mais voltam à minha mente. Já votei em Lula, contra o Collor. Sempre gostei dele e acho auspicioso o aparecimento do PT, a história dele. Ver que Lula está aí de novo, com possibilidades de chegar lá, é muito importante para o Brasil. Isso tudo é um tesouro. A chegada de FH à Presidência também foi um fato histórico. Não quero abrir mão do que se apresenta a meus olhos como tesouros do país. Mesmo que sejam antigos, como Lula e FH. Isso não significa que eu mudaria as decisões que fiz ao presidente.



Não me... Não estou de saco cheio de nada no momento. Naquela época, havia uma razão pessoal. Eu estava alheio ao mundo com pessimismo e timidez. Na chegada de Antonio Carlos Magalhães à Presidência, já me pressupondo ao lado de ACM sem que eu tenha dado razões para isso. O que não quer dizer que não tenha o direito de admirar ACM pelo talento político que tem. Maior até que o de FH.

Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Então, você ainda não decidiu seu voto?

Não fui eu que não decidi. Foi a disputa que ainda não se configurou. Lula na Presidência enfrentaria demasiadas pressões, dentro e fora do Brasil, da esquerda e da direita. É difícil um partido chegar ao poder central institucional vivendo o fantasma da revolução. Há um perigo. Mas, se for necessário correr o risco, não se deve ser covarde. Mas também não se pode ser tolo.

Falando no âmbito cultural: a vanguarda hoje é possível, ou está incorporada à mitologia pop?

É parte da mitologia pop faz tempo. E entrou na corrente sanguínea. Na MTV tudo tem pinta de filme experimental, os clipes parecem Cocteau, Buñuel, a música eletrônica namora Stockhausen. Picasso forma filas imensas.

São velhas vanguardas. Onde estão as novas?

Não sei. Acontecem muitas coisas, e eu estou justamente no meio de um fenômeno quantitativo suspeitíssimo, que é a indústria cultural. Tenho minha própria visão e procuro atuar a partir dela. São identificações pessoais com a ideia de modernidade, de experimentalismo, que vêm da infância. Mas as rupturas até hoje não são aceitas pela mente dos homens reais. Apenas como caricaturas de ruptura. Uma mulher de Picasso ainda é esquisita. A ideia de algo essencial à produção do mundo ainda resiste. Na música, a tonalidade, a melodia. Mesmo que as novas gerações tenham mais contato com a vanguarda por diluição, divulgação ou porque



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Ou como influenciar

Seria impossível... profecias. Às vezes ser bom profeta é ser bom poeta. Se você lê a “Elegia 1938”, de Drummond, é de uma precisão incrível! “Adiar para o outro século a felicidade coletiva/ (...) porque não podes, sozinho, dinamitar a Ilha de Manhattan...” Aquilo tem um espanto de quem está diante da profecia!

A MPB atual consegue alcançar uma dimensão pop no mercado internacional?

A música brasileira tem uma presença internacional peculiar. A relação que os criadores de música têm com a criação brasileira, desde a bossa nova, é crescente. E sobretudo por causa da confirmação profunda, imensa, que foi Milton Nascimento. Os criadores lá fora pensam no brasileiro como alguém que propõe procedimentos de valor internacional.

Caetano Veloso

O CD experimental, de voz, sem letra, vai vingar?

Achava que deveria ter sido o CD mais recente, mas acabei fazendo “Noites do Norte” e só dei uma palinha. Estou fazendo muito show, olhando as coisas...

Mais livros? Mais filmes?

Quero escrever e filmar. Escrever é mais fácil. Filmar é fogo. Quis escrever sobre raça, mas gastei o assunto em “Noites do Norte”, graças ao Joaquim Nabuco.

A canção “Meu Rio”, que pretendia ser a “Sampa” carioca, não entusiasmou.

É longa, sutil, pessoal, já “Sampa” tinha vocação para hino, pela sua forma, pelo tamanho e pela energia. “Meu Rio” é a busca do tempo perdido, nem me importa se as pessoas estão ouvindo, fico muito concentrado.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Profeta da utopia brasileira

De livro novo, Caetano reafirma superação latina e crítica hip-hop por endeusar heróis do tráfico

Entrevista a Arnaldo Bloch, publicada em 4 de novembro de 2017



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘A mo os Estados Unidos apenas nos exijo do Brasil menos do que levar mais longe muito do que se deu ali’. A frase, dita por Caetano Veloso numa conferência no Museu de Arte Moderna em 1993 (e ecoada no livro “Verdade tropical”), parece ser a chave mestra para entrar nos corredores temporais de “O mundo não é chato” (Companhia das Letras), volume que reúne artigos, ensaios, crônicas e falas do compositor e cantor em mais de 45 anos de vida artística e, por que não dizer, pública num sentido mais abrangente. Os 95 textos organizados pelo poeta Eucanaã Ferraz num cruzamento de divisão temática e cronologia em marcha a ré, apesar das diferenças de tema (música, cinema, sociedade, política,



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

livre pensar) e estilo (caótico e experimental nos anos 70, ensaístico e organizado nos 60 e nos 90), falam, essencialmente, do Brasil, e de uma ideia quase missionária de termos, como nação, o dever de superar o modelo dos primos ricos do Norte.

Para o leitor de “O mundo não é chato” será inevitável perguntar: em que ponto estamos do traçado possível dessa profética linha evolutiva? Caetano tenta responder.

— O texto onde isto está escrito no original era falado. Não eram conclusões serenas, mas provocações. Assim mesmo acabou saindo um compacto do texto na imprensa. Sofri muito. Um sujeito de Brasília, um cientista, escreveu um e-mail esculhambando minhas ilusões e dizendo que o Brasil não tinha apresentado credenciais sequer para tentar fazer o mínimo que a gente espera dele — confessa Caetano. — Mas eu repito o que já disse uma vez a jornalistas: O Brasil vai dar certo porque eu quero.

Seria uma daquelas frases do tipo “É proibido proibir” (herdada pela tropicália da rapaziada que desmontou os muros de Paris em 1968 com a máxima surrealista), cuja lógica não resiste ou se presta à análise da razão?

— Não autorizada em termos, ressalva o brasileiro que viveu o exílio por força da arte, citando a credencial de ter travado “casualmente uma experiência profunda com o movimento histórico real do país”. — Acho que o próprio fato de eu ter a petulância de querer assim é um sintoma de que não é 100% desautorizada a ambição. Não que seja um destino inelutável. Mas é uma responsabilidade de um país desse tamanho, no Hemisfério Sul, na América, miscigenado e falando português. São condições especiais adversas para que não tenhamos uma obrigação de originalidade. Está na cara de quem abrir os olhos.



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘Espero que
minhas
intervenções
desorganizadas
contribuam
para que os
que pensam
de verdade
construam o
pensamento
estruturado
sobre o Brasil

Querendo, podemos superar o século americano, passar à frente historicamente o que os Estados Unidos puderam fazer com o mundo. Deixa de ser utopia. São fatores reais que nos convidam ao dever. Quando digo eu, quero dizer “nós queremos” aos que pensam assim.

O profeta, que vê e reafirma esta missão grandiosa, revolucionária, coleciona, em suas análises sobre a canção brasileira, a certeza de várias revoluções já feitas: a obra de João Gilberto; as rupturas e as leituras que seguiram, entre as quais a Tropicália; o fenômeno dos filhos de Gandhi; o BRock; e, nos anos 80/90, o binômio rap/hip hop assumindo uma voz brasileira que



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Hoje, quando Chico Buarque admite com serenidade que a música brasileira vive uma fase de desestruturação, Caetano parece viver

— O modo como o Chico abordou a questão é tão bonito que fico com problemas para falar disso. Quando abordei o samba-rap em “Língua”, o MV Bill e o Mano Brown eram garotinhos. Semana passada almocei com o Bill. Tive uma experiência com os Racionais, cujo álbum “Sobrevivendo no inferno” é um dos maiores da História no Brasil, junto a “Chega de saudade” e “Pelo telefone” — ressalta.

Então, qual o problema?

— É que estou começando a ficar um pouco... dissonante do rap. Por razões inclusive de foro íntimo. Sou de Santo Amaro e de Guadalupe aqui do Rio, onde vivi dos 13 aos 14 anos. Quando vou lá, noto que cresceu

um tom favelizante, do ponto de vista urbanístico e da cultura popular, compartilhado pelos habitantes, e uma certa tendência de culto aos heróis traficantes. Mesmo quando há uma queixa. Entendo que seja assim, mas ao ver isso crescer na moçada preciso reagir contra aspectos dessa cultura. É o meu movimento interno político.

No arcabouço dialético de sua metamorfose ambulante, Caetano, ao mesmo tempo que se preocupa com a referida “tendência favelizante” do rap, mostra-se reservado quanto à discussão referente à remoção das favelas, evasivo quanto ao mérito:

— Sou contra a campanha do GLOBO para desqualificar e desvalorizar o programa Favela-Bairro.

E, na trilha do discurso crítico ao rap, ele aposta fichas novas na canção.

— O rap destacou as palavras de melodia pra poder ter mais conteúdo. Mas as palavras de conteúdo eu entendo facilmente.

As palavras do rap para mim são palavras sem conteúdo, são ruído em sua esmagadora maioria. Tem umas que me arrebatam o coração de

emoção, mas a maioria são palavras sem conteúdo. São palavras que se angustia ainda mais grave para mim.

Caetano resume tal questão como numa pergunta:

— Se você está sendo discriminado, mais casos você é mais oprimido: se você é negro, se você é latino-americano, ou se for um latino diante de um norte-americano?

A resposta vem no relato de dois episódios: um no aeroporto de Cancún, seguindo para a Cidade do México.

— O cara da imigração me agrediu dizendo que eu estava querendo entrar nos EUA ilegalmente. Eu disse: “Cara, eu estou indo para a Cidade do México cantar”, e ele, em espanhol, respondeu: “Você não vai me enganar!”. Eu elevei a voz: “Bicho, eu sou brasileiro, você é mexicano e está aí tomando conta do país dos outros? Vá à merda!”

O outro episódio aconteceu na própria Cidade do México, quando Caetano e banda vinham da Califórnia pouco depois do 11 de Setembro.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

— A gente estava numas lojas com o pessoal da banda, e conosco os quatro percussionistas pretos do Timbalada que me acompanhavam na turnê. Eles tinham comprado em Los Angeles aqueles tênis e bonés e andavam assim com o aparato rapper. Pois bem, os vendedores mexicanos, que não davam a mínima para nós, latinos, tratavam os nossos pretos com bajulação porque pareciam pretos americanos.

No episódio Caetano parece enxergar, profeticamente (?), o rap a serviço de uma certa hegemonia afro-americana:

— Essa coisa de African-American é um horror. Porque African não quer dizer que a pessoa seja preta, e American acaba simbolizando muito mais do que ser preto em matéria de força, poder. O pessoal preto compra todo o repertório de reivindicações dos pretos americanos e termina de vez em quando agredindo coisas que o Brasil mestiço atingiu, conseguiu, realizou.

De intuição em intuição, política (embora não institucionalmente), intelectual e teórico (embora não sistematicamente), o profeta da utopia brasileira diz-se satisfeito em ter produzido o pensamento, numa obra que, com todas as contradições, aparece em plena complexidade no livro que c

— Há uma tradição brasileira de verdadeiros pensadores que se deram ao trabalho de intervenções desorganizadas, com a atitude de artista, contribuam para que os que pensam de verdade, nunca que discordando de mim, construam o pensamento estruturado sobre o Brasil.



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘Sinto a angústia instalada na cidade’

Na véspera do show em homenagem a São Sebastião, músico fala da violência no Rio, da gestão de Lula e de Chávez



Entrevista a Ricardo Noblat,
publicado em 12/05/2014

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Ó paí, ó, o Caetano de babá dos dois filhos mais jovens Zeca (14 anos) e Tom (8), e de Artur e Pedro, amigos do primeiro, e de Jennerson, Bruno e Gerson, amigos do segundo e jogadores como ele do time infantil do Fluminense (embora Tom seja Flamengo de carteirinha, assim como o pai sempre foi). Tem ainda a neta, Rosa, de 1 ano, filha de Moreno, o mais velho. E a administração da casa no Morro da Paciência, onde Caetano ficará à beira-mar até março. De nada disso ele se queixa. Pelo contrário.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

brutalidade se sucedem, é justamente uma imagem oposta àquela do sonho de harmonia e de cordialidade que sempre dominou o imaginário brasileiro. Então dói. Mas eu sou teimoso. Acho que essas impertinências hiperbólicas não deixam de ser estimulantes.

O quadro de violência decorre apenas da falência do Estado ou tem a ver com o jeito de ser do brasileiro?

Tem a ver com a sociedade brasileira. A maneira como se pensa o papel do Estado e as consequências sociais desastrosas se devem ao modo como se pensa a economia, a cultura, o poder, tudo. Há um certo desequilíbrio na forma como a sociedade encara tudo isso. As favelas de São Paulo são invisíveis e, quando seus habitantes se manifestam, parecem apenas zangados. As do Rio são estrelas da cidade. e elas são muito próximas das áreas ricas, o que não acontece em São Paulo. Uma vez encontrei uma menina da favela de Cantagalo perto da Pedra do Arpoador. Ela me disse assim: “Essa pedra é minha”. Qualquer favelado pode dizer isso. Por outro lado, tenho amigas grã-finhas que não perdem um desfile das escolas de samba. Ela é resultado de uma mistura física e de uma mistura imaginária. Poderia estar melhor. Mangabeira. Uma aproximação quando do dia que o PT despreza a maioria desorganizada.



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Ó pai, ó. Mangabeira acabou apoiando Lula no segundo turno.

Acho perfeitamente coerente. Eu quase votei em Lula no segundo turno justamente por causa do Mangabeira. Acabei votando no Gerlado Alckmin. A aproximação de Mangabeira com Lula me deu esperanças e ainda me dá. Não sei o quanto próximo ou distante ele está de Lula. Não tenho lido os jornais com atenção desde que saí de férias. Votei em Lula em 2002, mas sempre fui contra a reeleição. Por exemplo: não votei em Fernando Henrique Cardoso quando ele disputou o segundo mandato. Naquela época, a imprensa foi claramente expositiva e denunciou os procedimentos poucos louváveis dele e do seu grupo para obterem a reeleição. Não é verdade que agora a imprensa foi programaticamente

destrutiva em relação a Lula porque ela é contra o povo. Eu tenho horror a essa conversa. Defenderei a imprensa brasileira até o fim contra tal argumento, embora tenha sérios problemas com ela. No momento, por exemplo, estou processando a Veja e ganhei na primeira instância. Eu queria votar em Alckmin no primeiro turno e anunciar de público, como fiz. E me preparei para votar em Lula no segundo turno. Sabia que ele ganharia. E estava contente com isso. Quando votei em Lula em 2002 fiquei muito emocionado. Acho emocionante o ato de votar. Chorei dentro da cabine. Veio na minha cabeça aquele histórico de Lula e do Brasil em relação a pessoas que tiveram a mesma origem de Lula. Foi um acontecimento histórico de grande importância. Achei que a volta do Brasil à democracia seria difícil. Porque um país que produz aquela ditadura, aceita as pressões norte-americanas, alimenta a mediocridade interna a ponto de viver aquelas coisas da maneira que viveu, não pode ficar de repente bom porque a democracia foi restabelecida. Aquela Constituição idealizada por Ulysses Guimarães e um bando de malucos não nos garantiria uma vida maravilhosa. Nunca tive esperanças irreais de que os militares chegassem ao poder. Cara, nós tivemos Fernando Henrique como presidente e depois Lula. Infelizmente, Fernando Henrique inventou a reeleição. E agora nós temos duas chances de reeleição, entende? É uma coisa que eu vou falar em altos brados: “Ó praí, ó...” Veja o enorme perigo que existe nisso. Suspende, como ele anunciou que fará, o funcionamento de uma empresa de comunicação, é ruim. E planejar uma permanência indefinida no poder é pior ainda. Eu tenho uma certa raiva da esquerda... Eu disse que defenderia a imprensa brasileira até o fim porque acho que a acusação que a esquerda faz contra ela é perigosíssima. É um absurdo dizer que a imprensa usou dois pesos e duas medidas e que tentou destruir o governo Lula de maneira golpista. Os escândalos que aconteceram, aconteceram. E eles caíram no colo da imprensa. Eu sei, tenho certeza disso. Ser mais simpática e cuidadosa com Lula como a imprensa foi seria igual a Cuba. Seria como ter um jornal só e mesmo assim do governo. Não pode existir só a



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Carta Capital, que é a Veja do Lula. Tem que ter a Veja também. Diogo Mainardi (colunista da Veja) é um moderado se comparado com Paulo Francis (ex-colunista do jornal O Estado de S. Paulo, ex-comentarista da Globo e contundente crítico da esquerda nos seus últimos anos de vida). A pessoa que não entende isso não sabe o que está se passando.

Mas você ainda não disse por que negou seu voto a Lula no segundo turno...

O que pesou mais para eu não votar em Lula foi ele ter usado no segundo turno o fantasma da privatização das empresas. Achei um recurso falso demais. Eu me senti mal. É claro que a reação dos tucanos e do próprio Alckmin foi de dar dó. Parecia que a privatização era uma coisa abominável. Foi a volta a um esquerdismo ingênuo, ultraprimário. Eu disse mais de uma vez que, pensando o que penso e sabendo o que sei, se eu votasse em Lula estaria agindo como um imbecil. Mas respeito quem votou nele. É indiscutível que ele tem vocação para a política, mas política no sentido de se dar ao luxo de falar que foi traído e acusa os alopados. Mas depois aparece elogiando



‘Ne momento, a impressã que o Brasil dá é de ser um país habitado por uma gente cruel, impiedosa e autoritária’

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Fome Zero e (Henrique) Meirelles (na presidência do Banco Central). Como se fosse o equilíbrio. Francamente... O próprio Frei Betto (ex-assessor especial de Lula) ficou meio indignado. Tem uma porção de coisas aí que não são necessariamente ruins. O Bolsa Família, por exemplo. Mas não se pode ficar no assistencialismo que desestimula a produtividade. Eu sou favorável a aumentar o salário mínimo. Mas deveria

haver uma política que estimulasse a produção. Existe um risco muito grande na esquerda e eu sempre tive problemas com ela. Por ser assim como sou, esquerdo para a esquerda, eu vejo que ela sempre tende para um negócio arriscado. “Nós temos que estar no poder porque somos os melhores. Depois a gente vê o que faz”, ela pensa. Não projeta, não planeja suas ações. Eu vi isso com Waldyr (Pires) na Bahia. Eu fiz campanha por ele para ajudar a acabar com a hegemonia de Antonio Carlos na Bahia. Depois do governo de Waldyr, a Bahia ficou mais de ACM. Como ACM, também acho Chávez uma coisa antiga. A burca é uma coisa antiga e medieval, mas não deixa de ser uma novidade, não é? Chávez sabe jogar com elementos que entram no imaginário coletivo. Socialismo XXI... Ele está dizendo tudo. É como burca. Você fala em burca e logo vem uma imagem que se tornou típica do século XXI. Chávez também é assim.



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Você critica Lula por lhe faltar um projeto para o país. Alckmin tinha algum? Não. Não vi. É claro que o Serra foi candidato em 2002 tinha projeto, mas eu votei em Lula. O momento era dele. As pessoas tinham o sonho de um projeto para o país. Serra não tinha nada de mais. Por que? Porque ele é tido como de esquerda. Como se Serra, EH fosse de direita. Serra tinha um programa. O projeto dele é muito diferente do que o de Lula e muito melhor. Por ora, é muito cedo para se pensar no pós-Lula. Ninguém sabe se ele não vai querer ficar indefinidamente no poder como Chávez quer.

Você fala sério?

Não, não acho que ele queira, mas não sei. Apesar de o Brasil estar se manifestando mais por meio de seus aspectos de brutalidade, crueldade e intolerância, o país é mais sofisticado e mais complexo do que a Venezuela. A economia e a mentalidade cultural brasileira são mais complexas, mais modernas. Tal coisa não permitiria que Lula caminhasse para o modelo Chávez. Claro que há um certo otimismo nessa minha colocação. O otimismo talvez decorra do meu entusiasmo

com o filme da Monique Gardenberg. “Ó paí, ó” foi inspirado por uma peça criada e encenada pelo grupo de teatro Olodum. Ganhou forma sob a direção de Márcio Meireles. Nos anos 90, vi a peça mais de 15 vezes. Sonhava em fazer dela um filme. Era só tirar a história do palco e pôr nas ruas do Pelourinho. É o primeiro filme da axé music. Não que seja, mas tem essa vitalidade, por um lado, comercial, por outro, de afirmação da população negra da cidade, pobre ou não. Amei a peça e amo o filme como ficou agora. A Monique fez um filme espetacular.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘As pessoas têm vergonha de me elogiar’

Sem fugir de polêmica, o compositor baiano fala da carreira e de sua relação com a mídia



Entrevista a Jorge Bastos Moreno,
publicado em 12/05/2022

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Caetano Veloso volta ao palco com seu show “Zii e zie”, no Vivo Rio, marcado pela polêmica declaração sobre a falta de formação intelectual do presidente Lula. O artista, que desde então passou a ser hostilizado por alguns segmentos petistas, alega que apenas reafirmou o óbvio, que sempre foi usado até para enaltecer a trajetória de Lula, e reclama da posição, para ele antidemocrática, dos que rejeitam qualquer tipo de crítica à figura do presidente.

Essa não é a primeira e certamente não será a última polêmica em que o compositor se envolve. Nesta entrevista, Caetano faz um balanço da sua obra e, quase num desabafo, diz que sempre foi mais criticado do que elogiado:

— Os elogios que recebo, em geral, são bastante envergonhados.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Você é um dos compositores mais gravados no Brasil. Quem ainda não o gravou que você gostaria que gravasse?

Rapaz, não sei... Zeca Pagodinho.

A maioria dos compositores não gosta de revelar suas musas inspiradoras. Isso já criou equívocos, com pessoas achando que a música era para elas, e não era. Por que esse mistério?

Não é sempre assim, não. Há muitas canções minhas que eu fiz para determinadas pessoas e disse de público. Às vezes, botei na própria contracapa do disco uma dedicatória, como “Trem das cores”, que fiz para Sônia Braga. A música “Vera Gata”, todo mundo sabe que foi para a Vera Zimmermann; “Rapte-me, camaleoa” eu fiz para a Regina Casé. “Leãozinho” eu fiz para o Dadi e disse isso; “Menino do Rio” eu fiz para o Petit. Eu não disse oficialmente, mas todo mundo sabe. Petit era um menino aqui do Rio, surfista, uma figura bem típica da cidade, quase simbólica, e era meu amigo. Eu fiz a música inspirado nele e disse isso depois. Não escondo, em geral. Mas tem coisas que a gente não fala. E músicas que são resultado de uma inspiração que eu não sei.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Quem, até hoje, é seu favorito?

Talvez tenha sido Gil. Tem um período em que fiz umas músicas com Torquato, tenho algumas coisas com o Waly Salomão, outras com Capinam, mas a maioria das minhas canções eu fiz sozinho. Tem música com letra de Bethânia, tenho algumas pessoas de quem não estou lembrando agora.

Política não é um tema forte na sua obra, mas é nos seus discursos e entrevistas. Existem alguns trabalhos seus, posteriores à ditadura, que reportam à política. A ditadura não o inspirava?

Olha, a vida era difícil sob a ditadura. Não gosto daquele negócio. Sofri muito. Fui preso, fui exilado, foi ruim à beça. E houve também censura ou tentativa de se organizar uma censura da criação artística. Houve censura

da imprensa. Mas a produção musical, e também cinematográfica, no Brasil, nesse período, foi muito rica, muito bonita. E esse negócio de não haver canções de política não é muito correto, porque, mesmo no período do tropicalismo, tem canções como “Enquanto seu lobo não vem”, “Divino maravilhoso”, que são diretamente políticas, até um pouco explícitas demais, mais do que muitas canções consideradas de protesto. E mesmo agora, no disco novo, há menção direta a Lula e FH, na canção “Lapa”, que é uma canção muito política, não é nem questão social, é Política com P maiúsculo. Porque tem o nome de Lula e de FH, de maneira elogiosa. E, por outro lado, tem a “Base de Guantánamo”, que é uma canção de protesto pelo desrespeito aos direitos humanos praticado pelos Estados Unidos em solo cubano.

‘Eu não quero a aprovação de todo mundo. Eu acho que querer a aprovação de todo mundo é péssimo. Isso é um problema’

Você é uma pessoa exaltada?

Não. Quando tiver um tema que me apaixone, eu sou muito veemente. Mas não sou, em geral, exaltado. Passo 90% do tempo de maneira branda, serena.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

... Bethânia? ...

Eu acho mais ou menos natural, porque eu sou famoso e numa época em que eu não queria fazer música popular, porque não me achava com talento suficiente para isso. Mas colaborava com meus amigos que faziam. E, como eu conhecia muito o assunto, e

era capaz de fazer algumas coisas relativamente relevantes, fui fazendo. A Bethânia foi chamada para substituir a Nara Leão no “Opinião”, cantou a música “É de manhã”, botou no disco do outro lado do “Carcará”, a música fez um grande sucesso no espetáculo. Aí o Simonal já gravou (“É de manhã”, foi o primeiro, depois de Bethânia), e depois a Elizeth Cardoso também. Então, me senti assim, já existindo no mundo da música popular. O Edu

Lobo, o Francis Hime, o pessoal daqui do Rio que me conheceu através dessa canção gostou de mim imediatamente, me acolheu, como um par. Eu sou grato, sobretudo ao Edu, porque ele, além de ter um talento musical infinitamente superior ao meu, era o grande nome da música popular no Brasil naquela época. E me acolheu como um igual, tendo ouvido uma ou duas canções apenas. É incrível! E depois, por causa do tropicalismo, que era uma outra virada que a gente queria dar, eu fiquei ainda mais... como é que se diz?, observado pela opinião pública, pelo público, e pela imprensa em particular. Mas o Edu ficou zangado comigo por causa do tropicalismo.

As críticas não o incomodam?

Eu não me incomodo, por exemplo, que esteja todo mundo me xingando porque eu disse que Lula fala como um analfabeto, como se fosse uma novidade. Não me incomodo que um monte de gente esteja me xingando, porque eu não quero a aprovação de todo mundo. Eu acho que querer a aprovação de todo mundo é péssimo. Isso é um problema. Eu acho ruim,



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

no Brasil hoje, ninguém poder dizer nenhuma palavra que pareça ser antipática. Isso é um problema. Isso é um projeto que aconteceu na União Soviética, com Stalin, na China, com Mao Tsé-Tung, aconteceu em Cuba com Fidel. Não se pode dizer, só se pode adular. Nesse ponto, eu nem me incomodo. Eu disse, botando, na primeira página, como se eu tivesse querido agredir o Lula e compará-lo com Marina Silva. Eu estava comparando Marina com Lula e com Obama. Como Lula, ela é de origem humilde etc; como Obama, e diferentemente de Lula, ela escreve bem, fala bem. Lula, de fato, usa metáforas cafonas, erra a gramática do português, a norma culta. Todo mundo sabe que é assim. Os linguistas aplaudem, o povo acha bom, eu também acho bom, eu votei em Lula chorando, para se eleger — não para se reeleger. Eu chorei dentro da cabine. Chorei de emoção. Pode ser que eu chore quando vir esse filme, porque eu chorei vendo “2 filhos de Francisco” e possivelmente chorarei vendo “Lula, o filho do Brasil”. Mas talvez não chore tanto quanto chorei no dia em que votei em Lula para presidente.

As pessoas que discordam de suas posições políticas ressalvam a sua qualidade de artista. Isso cheira a unanimidade?

Não, não concordo, mesmo porque não vejo isso. Recentemente li coisas sérias contra mim como artista, coisas escritas por pessoas informadas, que conhecem meu trabalho, conhecem os outros trabalhos. Eu li quando saiu “Zii e zie”, não só de críticos que escrevem em jornal, como desses mais intelectuais, que escrevem em revistas culturais...

Você acha que é chique criticar o Caetano?

Seja o que for, mas sou criticado com argumentos fortes. O sujeito está realmente ali. E agora, por causa desse negócio de dizer que Lula fala como analfabeto, li um texto de um sujeito que é poeta, eu o conheço, é um sujeito maluco, mas é poeta, de São Paulo, ele tem alguma revista cultural, não sei se é virtual, mas me mandaram o link. Ele acaba com as minhas coisas com a minha obra, diz que há 20 anos eu só faço porcaria. Então, eu vejo muita gente escrever mal sobre mim. Mas eu não quero elogios, eu não quero elogios. Eu recebo, eu leio no jornal. Às vezes, tem um elogio ou outro. Os elogios, em geral, são bastante generosos, mas eu não quero elogios. Eu quero para não ficar por aí. Eu quero elogios diferentes. Nos Estados Unidos,



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Como são?

Ah, eles elogiam as pessoas porque eles querem colocar o país todo para cima, sempre quiseram. Quer ver uma coisa? Neguinho do Samba morreu. A imprensa brasileira, de peso, daqui do eixo Rio-São Paulo, não deu um obituário à altura. Muito pelo contrário, até ignoraram. Não puseram nada. Alguma pôs alguma coisa pequena, que não está à altura da importância dele. Pois bem. O Paul Simon colaborou com o Neguinho porque gostou da batida do Olodum. Veio, chamou, gravou, levou para Nova York, para o mundo inteiro. Por causa disso, Michael Jackson veio, foi gravar no Pelourinho com

ele e trouxe o Spike Lee para dirigir. O que acontece? Neguinho do Samba morreu. Com esses três americanos importantes que estavam envolvidos com ele, o New York Times deu um obituário grande, com todos os detalhes. Entrevistou a filha dele, averiguou como tinha sido o enfarte no hospital em Salvador, tudo o que a imprensa brasileira não fez. É assim.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘O mundo parece assustador’

Após quatro anos, compositor se despede da coluna no GLOBO, e diz desejar tranquilidade em meio à guerra, epidemia, calote e outras ‘excitações negativas’



Entrevista a Leonardo Lichote, publicista

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

O mundo parece assustador. Anda, porém, “assustador”, segundo sua avaliação neste momento, enquanto vê os mísseis entre Israel e Gaza, avião derrubado na Ucrânia, calote argentino e epidemia de ebola, entre outras “excitações negativas”. Mas o compositor — que hoje passa o bastão para o jornalista, político e escritor Fernando Gabeira como colunista de domingo do Segundo Caderno — não transforma essa percepção em pessimismo imobilizador. As ideias continuam empolgando-o, sejam as do diálogo “O banquete”, de Platão, sejam as do último disco do rapper americano Kanye West. E é aberto a elas que, completando 72 anos na quinta-feira, Caetano lança seu olhar esperançoso sobre o mundo:



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

— De Guinga a Ivete Sangalo, de Valesca Popozuda a Thiago Amud, há todo um leque de possibilidades — diz, referindo-se à declaração recente da cantora Mônica Salmaso ao GLOBO sobre a MPB estar “pobre e nivelada por baixo”.

Nesta entrevista, Caetano dá mostras desse olhar, combinando contundência (“a agressividade covarde que se pode ver na internet é um retrato da abjeção humana”) e ponderação (sobre o conflito em Gaza, diz que “Netanyahu e seu grupo fazem política interna à custa de muitas vidas” e que “o Hamas expõe a população da Faixa de Gaza a perigos bem sabidos”). E tira o peso da despedida da coluna:

— Um dia, se o jornal ainda quiser, posso querer voltar.

Após quatro anos no GLOBO, por que parar?

Eu devia ter escrito um texto de despedida, mas nem isso pude. Parei por causa da turnê europeia. Talvez eu talvez voltar a escrever quando terminasse. Talvez. Pois também queria em parar para me concentrar em outras coisas. Gostei muito de ter uma coluna. Foi bom pra mim em não ter que fazer nada. Não dá pra fazer nada sem a tarefa. Pelourinho neste período da minha vida. Oh, não, se o jornal ainda quiser, posso querer voltar.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Que balanço você faz de sua experiência em um jornal? É diferente de um blog, como o *Obra em Progresso*?

Muito diferente. Postava textos longos e cheios de temas de debate no blog e muitos escreviam discutindo. Mas nunca encontrei uma pessoa sequer que, nas ruas, me falassem do que era dito ali. Depois do primeiro artigo que escrevi para o GLOBO (sobre o Pelourinho), as pessoas me paravam no estacionamento no Leblon ou na fila do aeroporto para falar da coluna. Fiquei com a impressão de que só acompanham blogs pessoas que não vão à rua.

Em suas colunas aqui e em sua produção musical nos últimos anos, você sempre seguiu reafirmando a ideia expressa na frase “O mundo não é chato”. O que o excita hoje?

O mundo, no momento, parece assustador. Há uma plethora de excitações negativas. Mísseis de e sobre Gaza; avião derrubado na Ucrânia; calote argentino; prisão açodada de manifestantes cariocas e agressão a um jornalista por parte dos apoiadores dos presos; epidemia grande de ebola; sequestro de meninas nas escolas nigerianas; a escalada do chamado Estado Islâmico, nascido do movimento Isis. Não chegaria a dizer que preferiria um mundo chato — e sei que a passagem para o Império do Espírito Santo não pode se dar sem grandes trabalhos de parto —, mas desejo um mínimo de tranquilidade para meus filhos e netos. Claro que não gostei de ver Dilma Rousseff na TV referir-se ao caso do avião na Ucrânia como se estivesse convencida de que deveríamos responsabilizar o governo ucraniano. Há uma simpatia de certa esquerda para com a Rússia de Putin que parece um fantasma da Guerra Fria. Está claro que temas como a legalização das drogas não podem mais ser tratados como eram faz uma década. A homossexualidade ocupa lugar diferente no imaginário e no campo jurídico. Só a dominação do mundo pelo Isis reverteria coisas assim. Enquanto isso, ouço o que passa, vejo o que rola, leio o que dá.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Viajei e cantei mais do que li, vi ou ouvi. Li mais do que vi filmes ou ouvi discos: em hotéis, em viagens, em casa. Li o livro de Agustina Bessa-Luiza (“Um cem anos”); levei um volume de Freud para reler umas coisas e conhecer outras; ganhei e li o “Vai, Brasil”, de Alexandra Lucas Coelho, e “Sex at dawn” (de Christopher Ryan e Cacilda Jetháe), um livro interessantíssimo. Hoje acabei de ler “Ad rem”, de MD Magno, cheio de sugestões. Ouvi, com meu filho Zeca, parte do disco novo de Kanye West (“Yeezus”) e fiquei impressionado com a feição experimentalista. Ouvi com encantamento o disco de meu outro filho, Moreno (“Coisa boa”), cheio de sons belos e bem articulados e de sentimentos puros. Continuo achando James Blake interessante. Ouço funk e pagode com Tom, meu filho menor (que, no entanto, toca bossa nova). No avião, leio Veja, Carta Capital e The Economist. Em casa, o GLOBO e a Folha de S.Paulo. Comprei “O banquete”, de Platão: queria reler na versão da Universidade do

‘A agressividade covarde que se pode ver na internet é um retrato da abjeção humana’

Pará. Ganhei o “Fedro” e fiquei encantado com a beleza. Li “A religião do futuro”, de Mangabeira Unger. Fascinante. Adoro a clareza com que ele escreve. E as decisões de grande alcance pairando acima dos termos das polêmicas estabelecidas.

Sua interação com a BandaCê está mesmo encerrada? Ou há planos com eles?

Os planos ainda não existem. Mas quero tocar mais com eles. Talvez separados, talvez em coisa diferentes, ainda não sei.

Hoje, quais são as músicas favoritas de quem que escreveu?
“Outro” (do “Cê”), “Este amor” (do “Cangeiro”), são canções em que tenho pensado como sendo especialmente bonitas. “Branquinha” também. Esta, quase cantei no “Zir e zie”.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Mônica Sanches afirmou ao Globo que “a música popular brasileira hoje está pobre e nivelada por baixo” variação de uma sentença que vem sendo expressa com alguma regularidade nos últimos anos. Entendo Mônica, mas não tendo a pensar assim. De Guinga a Ivete Sangalo, de Valesca Popozuda a Thiago Amud, há todo um leque de possibilidades. Sou tropicalista. Se se nivela “por baixo”, tenho culpa no cartório. Ainda estou celebrando os fenômenos da axé music, da invasão do litoral pelo sertanejo e do baile funk, que em geral são vistos como meios de nivelar por baixo. Mas não posso viver sem Mônica.

Você acompanhou os jogos da Copa do Mundo e a movimentação nas ruas? O que achou? Gostei muito e fiquei com saudade. Houve muita surpresa. Não foi chata. Não entendo de futebol, fui um menino mais feminil, não jogava nem via futebol. Meu filho Tom é que é futebolista. Vi os jogos com ele (um no Maracanã). Torci pela Argentina na final e, embora ache que a Alemanha

ganhar seja merecido (e estimule o bom futebol), fiquei triste por Messi não meter aquele gol. O brilho do jeito afável dos brasileiros aos olhos dos visitantes e observadores significa uma glória aos meus olhos. A derrota por 7 a 1 pareceu querer dizer que ainda é cedo para festejar.

Mais de um ano depois, o que as manifestações de junho de 2013 deixaram de legado? Essas coisas não acontecem em vão. E são expressões do espírito dos tempos. Tudo o que conseguirmos fazer, e também o que nos for vedado fazer, terá a ver com as manifestações de junho do ano passado.

Indo para o mundo agora: como você vê a situação do conflito em Gaza?

É uma tristeza. Está certo dizer que ambos os lados têm razão. Mas é mais certo ainda admitir que Netanyahu e seu grupo fazem política interna (para se manterem no poder) à custa de muitas vidas. E que o Hamas expõe a população da Faixa de Gaza a perigos bem sabidos.



As redes sociais ampliaram o debate, mas também a agressividade com que as pessoas se manifestam. A agressividade covarde que se pode ver na internet é um retrato da abjeção humana, que o avanço tecnológico da sociedade produz o desconto que qualquer leitor de jornais e revistas dá à mediocridade.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Quando você era menino em Santo Amaro, como imaginava o futuro? E hoje, como o vê?

Comecei a imaginar o futuro com a bossa nova. Antes, parecia que as coisas permaneceriam basicamente como eram, embora eu fosse impaciente com os valores morais tacanhos. Ou seja, eu tinha desejos a respeito do futuro, não projeções. Depois comecei a ver que as coisas poderiam e deveriam mudar de forma profunda. Foi isso que me ligou à esquerda na universidade. Mas eu era um esquerdista desconfiado. E nunca entrei em partidos. Os futuros mitológicos, o Quinto Império de Vieira ou o Quarto Império de MD Magno, o D. Sebastião de Pessoa e Agostinho me parecem dar melhor critério de avaliação do que o marxismo de um Roberto Schwarz, cuja obra respeito e até admiro.

Caetano Veloso

Algo a dizer a seu sucessor, Fernando Gabeira?

Só posso dizer que é uma honra ter o espaço que ocupei nas mãos dele. Sempre gostei de Gabeira, fui seu cabo eleitoral e, finalmente, os leitores terão um jornalismo de verdade aqui.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘O Brasil deve repensar tudo’

Caetano condena ‘histeria absurda’ sobre a Rouanet e chama Trump de ‘piada que vira pesadelo’



Entrevista a Leonardo Lichote, publicada

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Em conversa por e-mail, Caetano Veloso diz o que parece guiar todo o seu pensamento: “vivemos um período de grandes dificuldades”. Mas nega que seja mais cobrado por suas opiniões hoje do que em outros tempos: “Talvez porque não olhe redes sociais”. Com show marcado ao lado de Teresa Cristina, no Vivo Rio, ele chama de “histeria absurda” a “demonização da Lei Rouanet” e conta que não se surpreendeu com a eleição de Donald Trump (um político “desses que surgem como piada e tornam-se um pesadelo”) como presidente dos Estados Unidos.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Em 2008, você comentou que Teresa Cristina representava uma “reserva indígena do samba”. Como se aproximou dela?

Comprei o disco de Teresa com os sambas de Paulinho (a estreia da cantora, em 2002) logo que saiu. Quando ouvi achei que ela cantava tudo com correção e respeito, mas de forma quase neutra. Ao chegar perto dela na série que apresentei durante a feitura do “Zii e zie” (“Obra em progresso”, em 2008), me impressionei com o conhecimento que ela tem do meu trabalho. E logo fui vendo que ela conhecia muita música além da minha e dos sambas que cantava na Lapa. Minha piada sobre a “reserva indígena do samba carioca” não surgiu em relação a ela. Eu me referia à nova onda pós Zicartola que cresceu para dentro dos ambientes próximos ao samba de morro. Houve uma superespecialização e uma supercarioquização do samba. Sabe como é, sou baiano, “o samba nasceu foi na Bahia”, como dizia o meu pai, ecoando anos de apoteoses no Cassino da Urca. Cresci sabendo que o samba era Herivelto, Caymmi, Ary, Noel, Aracy, Ataulfo, Jorge, Assis Valente, Carmen Costa, Elizeth... e também os carnavais de Linda e Dircinha, Dalva, Emilinha e Maria. O samba carioca não morreu, ele mudou de endereço e de formato. É um resfriamento. É um reaquecimento com dois gumes: o pagode (que tinha sido raiz, comercial e o elemento estético da Zica) tornado fenômeno comercial e o engodo do samba carioca. No fim, a reserva indígena é restritiva do que a do samba. Gosto de tudo, mas sou cheio de nó pelas costas.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Há uma cobrança da esquerda por seu posicionamento político hoje. Essa cobrança é comparável à que você recebia na ditadura?

Há cobrança dirigida a mim? Não vejo muito isso. Talvez porque não olhe redes sociais. Já me senti mais cobrado em outros períodos de minha vida. Não há nada agora semelhante à vaia a “É proibido proibir”, à campanha contra os “bahiunos” do “Pasquim” ou à guerra contra a “patrulha odara”. Vivemos um período de grandes dificuldades, e todo mundo percebe isso. Mesmo os que tentam simplificar sabem que estão fingindo.

O Ministério da Cultura por pouco não deixou de existir, a Secretaria Estadual de Cultura do Rio acaba de ser extinta, e a Secretaria Municipal de Cultura também corre o risco de se fundir a outra (ou outras). O que acha que isso representa para a Cultura?

Quando (o presidente) Michel Temer extinguiu o MinC, chiei contra a decisão. Eu e muita gente. Ele, mal entrado no poder, recuou. Escrevi em defesa de um grupo que, dentro do ministério, estudava direitos autorais na era digital. Entendo pouco e mal do assunto. Mas confiava na Diretoria de Direitos Intelectuais (DDI). Fui cantar no Ocupa MinC, no Palácio Capanema. E, junto com outros membros da Associação Procure Saber, aceitei conversar com o ministro. Que foi gentil e pareceu aceitar nossas sugestões. No fim, Marcos Souza (que comandava a DDI) foi fritado e seu grupo desmantelado.

Como você avalia a atuação do ministério?

Trabalho muito, não tenho tempo de ficar estudando tudo o que faz ou deixa de fazer o MinC. Sei que o ministério não está centrado em fazer parecer que cuida do problema fiscal e cultural. O ministro não deve poder muito. É capaz até de ele ouvir quem não deve, dada a fragilidade da situação.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘Dizem que nós artistas mamamos nas tetas do governo do PT e por isso reclamamos. Não mamamos em nada’

... Agora, a met, alardeada por ignorantes, é histeria absurda. Me contam que dizem que nós artistas mamamos nas tetas do governo do PT e por isso reclamamos. Não mamamos em nada. As palavras de apresentação da CPI reproduziam um site grosseiro, e a maior parte das queixas de malucos que escrevem para redações e se multiplicam nas redes sociais é feita de ressentimento e desinformação. Que venha CPI, o diabo, a verdade há de prevalecer, mesmo que seja desrespeitada por algum tempo.

Você esteve perto de Gil ao longo de seu tratamento (para uma doença renal crônica). Como foi vê-lo enfrentar a demanda física da turnê que vocês fizeram?

Fiquei preocupado logo após a primeira internação. Tomei susto. E ele voltou pra Bahia, para fazermos o show no Farol da Barra, muito abatido. Estávamos às vésperas de sair em viagem de turnê longa. Mas ele mesmo me disse (e um médico me assegurou) que iria melhorar com o tratamento que mal começara. Ele de fato melhorou consistentemente durante a viagem. Na terceira cidade ele já estava firme no canto e no violão. Desde então, ele tem melhorado.

Como vê a eleição de Donald Trump nos EUA? Você acredita que ela faz parte de uma onda conservadora internacional? O filósofo Slavoj Žižek disse que o perigo real seria Hillary Clinton.

Sem dúvida a eleição de Trump (que para mim não foi assim tão surpreendente: eu achava que antes que ia votar nele não dizia isso) tem semelhança com o Brexit, com o resultado do plebiscito sobre o acordo com as Farc na Colômbia. Os populistas de direita na Europa todo mundo já viu. É uma coisa que me dá um nó na cabeça. É uma frase de efeito chocante (coisa de que ele gosta muito). Hillary seria a reafirmação da política de segurança. É certo o aumento da tensão com a Rússia. É uma maluquice, o tipo de política que se faz com o povo como piada e tornam-se um pesadelo. Ecoando Jorge Mautner, liguei o nome dele aos de Jânio Quadros e Hitler, num artigo maluco que escrevi (antes de Temer virar presidente) para a revista on-line “Fevereiro”. Mas é assim que vamos aprendendo a viver estes nossos tempos.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Pós-verdade tropical

VINTE ANOS DEPOIS, CAETANO VELOSO RELANÇA LIVRO, COM CAPÍTULO INÉDITO, E DIZ QUE O BRASIL DE HOJE VIVE 'ESBOÇOS DE OPRESSÃO À CRIAÇÃO ARTÍSTICA E AÇÕES DE CENSURA'



Entrevista a Leonardo Lichote,
publicada em 25 de outubro de 2017

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Há 20 anos, Caetano Veloso lançava "Verdade tropical", livro no qual seu olhar atravessava sua própria história até ali — e, em paralelo, a vida cultural e política do Brasil ao longo do século XX. Agora, em celebração aos 50 anos da Tropicália, a obra ganha nova edição pela Companhia das Letras. Além da nova capa, o compositor apresenta um capítulo inédito, "Carmen Miranda não sabia sambar", no qual avalia o livro à luz de críticas feitas a ele nessas duas décadas.

Nesta entrevista, Caetano afirma, inequívoco: "O Brasil pensa que é menor do que é" (referindo-se sobretudo à atual produção do axé).



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

ZECA, CAETANO E TOM VELOSO EM FOTO DE MÁRCIO ALVES/15.08.2018

O mesmo Caetano, porém, escreve, no novo capítulo: “o Brasil está em perpétua convulsão e há coisas demais sugerindo que não temos por que ser otimistas”. É desse lugar — entre a consciência da grandeza do país (afirmada no funk e em Chico Buarque) e a preocupação com o futuro de um Brasil no qual se mostram “esboços de opressão à criação artística, ameaças ou mesmo ações de censura” — que ele conversa com O GLOBO.

Por e-mail, Caetano trata das conquistas da Tropicália; do impeachment de Dilma Rousseff e da permanência de Michel Temer no poder apesar dos escândalos; de sua posição sobre biografias chapa-branca; dos perigos do moralismo. As perguntas foram enviadas ao artista antes da ação que ele moveu contra o Movimento Brasil Livre (MBL) e Alexandre Frota, que o acusaram de pedofilia (por ele ter começado a namorar Paula Lavigne quando ela era adolescente). Procurado novamente, o cantor informou por meio de sua assessoria que o único comunicado sobre o assunto seria o que ele postou nas redes sociais (“Deixemos para o Judiciário decidir sobre os ataques incessantes de quem não quer que o Brasil seja livre”).



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

No novo capítulo, você escreve que sua identificação com a esquerda “só faz exacerbarse no clima dos meses de 2016, quando os políticos fingem se dirigir à corrupção quando é a população que é corrompida”. Você também descreve o Brasil como um país “em perpétua convulsão”. Como você identifica essas convulsões com as que se davam no Brasil de 1967 a 1969, solo no qual brotou a Tropicália?

Tive participação indireta no planejamento do #342artes (movimento em resposta aos ataques sofridos pela exposição “Queermuseu”, acusada de fazer apologia à pedofilia e zoofilia, e sofreu censura e cancelamentos, e pela performance “La bête”). Participei com convicção porque de fato acho que não podemos ficar inertes diante de esboços de opressão à criação artística, ameaças ou mesmo ações de censura. Quando escrevi a nova introdução estávamos longe disso: tínhamos o impeachment de Dilma e as óbvias ações para destruir o PT. Nunca fui petista. Votei em Lula contra Collor no segundo turno: meu candidato era Brizola.

E voltei a votar nele em 2002, quando ele virou presidente. Cheguei a chorar de emoção dentro da cabine de votação. Eu tinha dito que achava que tinha chegado o momento de Lula. E estava certo. Eu achava — e acho — que Lula seguir-se a Fernando Henrique tinha um significado de grande importância. E tinha. Mas não me surpreenderam as notícias sobre o mensalão e a corrupção maior que se desvelou depois. Aprendi aos 12 anos, quando Getúlio morreu, a não ser moralista em política. Não me entenda mal: acho que devemos ser exigentes eticamente. E vejo a novidade de poderosos empresários e políticos serem presos como um avanço da nossa sociedade, que, em princípio, só prendia pobres, quase todos pretos. Ser de esquerda significa reconhecer que nosso maior problema é a desigualdade. E achar maneiras de superar a estrutura social que se perpetua no Brasil desde a escravidão. Em 1964, o golpe servia às forças que precisavam desesperadamente manter essa estrutura e às forças internacionais que defendiam os Estados Unidos contra os países comunistas. Nunca fui fã dos países comunistas. No tempo da Tropicália, quando o governo militar tinha endurecido com o AI-5, eu admirava Guevara e Fidel, mas não os Estados Unidos. Guevara escreveu “Verdades e mentiras da revolução” (1965), uma obra que critica as revoluções socialistas (que sempre viram autocracias), mas também a ingenuidade política dos americanos. Não há nada entre nós. Com isso, valorizo o pensamento crítico e as opiniões críticas e grande parte do respeito pelos valores liberais. Mas perdi qualquer entusiasmo com o liberalismo real.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

As conquistas da Tropicália estão consolidadas hoje?

O tropicalismo quis desfazer a hierarquia do gosto no mundo da música popular. Claro que “Terra em transe” de Glauber, o Oswald montado por Zé Celso, os poemas popcretos de Augusto de Campos, as obras ousadas de Hélio Oiticica e Lygia Clark não só nos influenciavam como também eram algo intelectualmente superior à nossa rebeldia de cantores de rádio. O fato é que gosto de funk e de axé e que admiro grandemente Michel Teló e Ludmilla. Quando digo axé não quero dizer que ouço

No texto, você aponta uma utopia num futuro “Quando as forças do mundo se renderem às canções de Chico Buarque”. Como seria esse futuro?

É. Tem momentos em que escrevo mesmo como maluco. O fato é que na hora me lembrei de uma homenagem a Tom Jobim em Nova York, com artistas brasileiros e grandes músicos de jazz. Notei a falta de Chico. Reclamei com os organizadores. Eles não sabiam explicar. Afinal, Chico foi um dos maiores parceiros de Tom e é um dos maiores nomes da nossa música de todos os tempos. O que eu senti ali se repetiu em alguns outros momentos em que vejo a grande beleza das canções de Chico como que entranhadas no Brasil. Só ele tem a limpeza prosódica de Noel Rosa. Senti que a obra dele é tão entranhada em nós que o mundo ainda não pode vê-la direito. Eu queria dar a medida do que seria o Brasil afirmado na história do mundo, com luz e grandeza. E essa medida era Chico. Pouco depois ouvi a parceria dele com Cristóvão Bastos (“Tua cantiga”), aquelas palavras, aquele piano, o saxo baixo de Jorge Helder...



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Caetano Veloso

como alguém que desqualifica os amigos. Na verdade, eu os entendo, mas sempre discordei da ideia de que só autorizado pelos biografados ou por seus descendentes um livro sobre Roberto Marinho, Roberto Carlos ou José Sarney poderia ser publicado.

O livro é atravessado pelo impacto de João Gilberto em sua vida e na do Brasil. No novo texto, você evidencia isso de forma quase religiosa. Surgiram outros deuses?

Eu tinha 17 anos quando ouvi João. Mas ver “La strada” aos 15, ler William Saroyan aos 14 e Clarice Lispector aos 18 foram experiências também transformadoras. Assim como João Cabral e Guimarães Rosa. Nada depois pôde ter o mesmo impacto. Bem, algumas cenas de Glauber, filmes de Godard, “O rei da vela” por Zé Celso, a poesia concreta paulista, a leitura precoce de “As palavras”, de Sartre (e de “Tristes trópicos”, de Lévi-Strauss), a leitura tardia de “Em busca do tempo perdido”, de Proust (e “A montanha mágica” de Thomas Mann — eu tinha lido “Morte em Veneza”, mas não me pareceu tão importante), foram também grandes. Depois disso, muita admiração e encanto, mas nada com a mesma capacidade formadora dessas experiências. Na minha idade, mais difícil ainda.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Quem jamais te esqueceria

Caetano Veloso narra em detalhes suas lembranças da prisão pela ditadura no filme 'Narciso em férias', que faz sua estreia no Festival de Veneza: 'Minha vida teria tomado outro rumo', ele diz



Entrevista a Maria Fortuna
publicada

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Quando se encontrava preso, na cela de uma cadeia, foi que viu pela primeira vez as tais fotografias... da Terra, avistada do espaço. E olhar pela segunda vez, 52 anos depois, as mesmas imagens que o inspiraram a compor uma de suas mais belas canções, "Terra", provoca um gatilho que faz Caetano Veloso chorar.

A cena está em "Narciso em férias", filme em que o compositor revisita sua prisão pela ditadura militar em 1968. Quatorze dias



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

REPRODUÇÃO

depois de decretado o AI-5, Caetano e Gilberto Gil foram tirados de suas casas, em São Paulo, por agentes à paisana que os conduziram, sem explicação, a uma viagem de camburão rumo ao Rio de Janeiro. O destino eram duas solitárias do quartel do Exército na Rua Barão de Mesquita, na Tijuca. Realizado pela Uns Produções, coproduzido por Paula Lavigne e Videofilmes e dirigido por Renato Terra e Ricardo Calil, o longa estreia amanhã, simultaneamente no 77º Festival de Veneza e no Globoplay.

Outra passagem emocionante do documentário traz Caetano narrando um dos momentos de maior tensão do período de 54 dias em que ficou encarcerado. Soldados armados o tiraram da cela e o mandaram caminhar sem olhar para trás pela Vila Militar, em Deodoro, Zona Norte. Aos 26 anos, ele sabia que ia morrer ali. O medo era tanto que o que aconteceu com ele nunca o fez agradecer mesmo diante de um atentado ao símbolo de sua liberdade: os caracóis de seus cabelos foram cortados por um barbeiro que o esperava numa salinha.

Quando Caetano foi levado para a prisão, ele ficou diante da câmera, ficou com o rosto branco e sem palavras. Um mês após sua prisão, ele tomou conhecimento do motivo de sua detenção. Tinha sido acusado pelo apresentador de TV Randal Juliano de cantar o Hino Nacional no ritmo de sua música “Tropicália” em um show na boate carioca Sucata — o que ele e testemunhas negam. No relatório, parte dos arquivos secretos mantidos pela ditadura e descobertos pelo pesquisador Lucas Pedretti (incluindo a foto do músico de cabelos raspados, que ilustra o cartaz do filme), Caetano é descrito como “cantor de música de protesto, de cunho subversivo e desvirilizante”. Nesta entrevista, ele explica por que concorda com a definição. E diz: — Minha vida teria tomado outro rumo, não fosse a prisão.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Caetano Veloso

Como foi mergulhar nessas memórias de dor mais de 50 anos depois? Diferente de quando as descreveu no livro “Verdade tropical” (1997)?

Escrever é diferente de falar. E, quando escrevi, a situação política do Brasil era muito diferente da atual.

Qual a importância do seu depoimento em um momento em que se nega a ditadura?

Durante a ditadura nossa prisão não podia ser noticiada. No xadrez em que fiquei estava Perfeito Fortuna; no do Gil, estavam Ferreira Gullar, Paulo Francis, Antonio Callado. Geraldo Vandré era procurado. Militares me diziam que, se o achassem, o matariam. Tinham ódio por causa da canção “Pra não dizer que não falei das flores”, que falava de “soldados armados, amados ou não”. Um sargento me disse que tinha feito parte do grupo que atacou os atores de “Roda viva”, de Chico Buarque. Os que fizeram isso eram semelhantes a fanáticos de extrema direita que hoje fazem marchas com tochas e a médicos que realizam um aborto legal em menor estupro. Há pessoas que, embora não fossem capazes de fazer uma coisa nem outra, acreditam que a ditadura foi boa. É uma coisa muito triste. Não dá para acreditar que a ditadura era caótica e fútil.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Defensores do regime militar no Brasil. Como o seu relato contraria essa ideia?

Se tivermos em conta os que foram torturados e mortos, as famílias que não tiveram acesso aos corpos dos seus “desaparecidos”, nossa prisão não é senão um sintoma da doença terrível que tomou conta do Brasil em 1964, sobretudo a partir de 1968, com o AI-5.

O que significa o único filme brasileiro selecionado pelo Festival de Veneza falar sobre esse assunto?

Essas inflamações da extrema direita são um fenômeno mundial. Talvez o tema seja sentido como oportuno por eventos internacionais. Mas creio que o essencial para o convite de Veneza foi o valor estético do filme. Seu tom direto e sua forma límpida.

No filme, você cita a frase de Rogério Duarte: “Quem é preso é preso para sempre”. Como a prisão influenciou na pessoa que você é? Essa memória sempre povoou suas reflexões?

Minha vida teria tomado outro rumo não fosse a prisão. Passei um período com medo de batidas à porta e até do som de telefone. Com o passar do tempo, e psicanálise, esses medos passaram. Não penso frequentemente no que vivi na prisão. Achava estranho ser uma coisa de que quase ninguém sabia. Me concentrei para escrever sobre isso em “Verdade tropical”. A frase de Rogério me volta à cabeça. Mesmo hoje. Tinha planos de passar a fazer filmes e deixar a música para os verdadeiros músicos. Com a prisão, perdi a força para realizar tão séria mudança.

‘Acho que considero um pouco feio morrer cedo. Não quero morrer nunca por meu gosto’
Você conta que passou a ter superstições com canções como “Suplica”, “Assum preto” e “Onde o céu é mais azul”, que cantou na noite anterior à morte. Como fez as pazes com elas?



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

...a fazer. Prometi cantá-las para o meu filho, mas não fiz. Não sei se a superstição. “Onde o céu é mais azul” me deu vontade de chorar. Me dá ainda. Tenho pena da música, de eu não ter querido mais cantá-la nem ouvi-la. Por duas vezes as lágrimas me vieram aos olhos ultimamente à mera menção de seu título.

Diz concordar com a afirmação de que era um “cantor de música de protesto, de cunho subversivo e desvirilizante”. Por quê?

Claro que há humor nisso. A frase dos interrogadores é muito ridícula. Mas “subversivo e desvirilizante”, dito por eles, faz pensar em atitudes antimachistas. E dá vontade de desfazer o sentido sempre positivo de “viril”.

Além daquele momento na Vila Militar de Deodoro, sentiu medo de morrer outras vezes?

Sempre tive medo de morrer. Desde criança temo doenças mortais. Gostava de pensar na possibilidade de viver até os 60 anos, coisa assim. O assunto ficava bem longe de mim. Mas, volta e meia, a ideia da possibilidade de uma criança ter uma enfermidade letal me apavorava. Chegava a tirar minha felicidade toda. Hoje tenho menos medo da morte. Acho que considero um pouco feio morrer cedo. Não vou morrer nunca, por meu gosto. Mas, como todo mundo morre, não ficarei tão desesperado se tiver de morrer na idade em que estou. Quero viver até mais de 100 anos. Quero ver mais e mais meus filhos e os filhos deles. Quero também fazer alguma coisa realmente relevante no mundo da criação. Mas, como? Uma figura da indústria cultural? Adoraria fazer algo que a salvasse e a destruísse. O que, em bom hegelianismo, chama-se superar.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

‘Meu desejo
é confundir
o algoritmo’

‘Rebelde’ na relação com a tecnologia,
autor de ‘Anjos Tronchos’,
música sobre a internet, fala da revolução
provocada pelas redes na sociedade,
na política e na arte



Entrevista a Malu Gaspar,
publicista

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Caetano Veloso diz que não entende muito de tecnologia. Não tem celular, não consulta o que dizem a seu respeito nas redes sociais e, por vezes, tem dificuldade para encontrar as músicas de que gosta no Spotify.

Isso não impediu que ele produzisse, com a recém-lançada música “Anjos tronchos”, um manifesto contundente e certo sobre como a revolução democrática prometida pela internet redundou num cenário político violento, que permitiu a ascensão de autocratas mundo afora — os “palhaços líderes” que “brotaram macabros” na letra.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

A música faz parte de “Meu coco”, primeiro álbum de inéditas de Caetano desde “Abraço”, lançado nas plataformas de streaming, com 12 faixas nunca gravadas pelo compositor, embora algumas já sejam conhecidas, como “Pardo”, que ele compôs para a cantora paulistana Céu; “Autoacalanto”, uma homenagem ao neto Benjamin; e “Noite de cristal”, gravada originalmente pela irmã Maria Bethânia no disco “Maria” (1988).

Mas, apesar de admitir que o tom de “Anjos tronchos” é sombrio, Caetano não acha que estamos fadados a ter nossa vida governada pelos algoritmos. Nesta entrevista, ele explica por que considera que a superexposição proporcionada pela internet ameaça e enfraquece o conservadorismo.

E conta como ele mesmo por vezes se rebela — contra as estratégias da indústria de streaming, contra os consensos políticos e até contra os próprios algoritmos que tentam obrigá-lo a ver determinados conteúdos no YouTube.

Me chamou atenção o tom um pouco amargo de “Anjos tronchos”. Não está dando para achar otimismo nas coisas agora?



Não faltam razões para que a gente esteja amargo. Acho que essa canção tem a ver com o mundo que estamos vivendo, com os desafios que vieram com essa revolução tecnológica.

Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

Por exemplo?

Aparecem ali pontos concretos, principalmente Augusto de Campos, e coisas com desenvolvimento dos computadores. E no fim, no último verso, tem o caso da Billie Eilish. Ela já cresceu com a mente dentro desse mundo desenvolvido da tecnologia digital e tem um tipo de criatividade ligada a isso, que é luminosa e bela. Então há coisas também positivas. Mas a base da canção é sombria.

Você chamou de desabafo. De onde saiu esse desabafo, em que momento te deu isso?

Foi aos poucos. E, quando eu li uma coluna do Pedro Doria (colunista de tecnologia do GLOBO), me veio à mente essa imagem dos anjos tronchos no Vale do Silício. Pensei: “Eu posso continuar porque silício é uma palavra boa para rimas em português”.

E eu achando que era uma coisa existencial, pandemia ...

Não deixa de ser a base. Tenho muitos amigos que ficaram muito entusiasmados quando a internet começou a se desenvolver e se afirmar, que era um aprofundamento da democracia. Mas eu os achava demasiado otimistas. Eu via o interessante disso, mas temia muito do que de fato veio a acontecer. Não cheguei a temer o surgimento do Trump ou do Bolsonaro, essas coisas horrendas. Não pensei como uma profecia, mas nessa manifestação das pessoas numa situação de anonimato relativo, de uma queda da vergonha em relação ao ressentimento. Eu via o risco de poderem crescer ondas coletivas de ressentimentos, uma coisa que a gente vê muito e de onde vem o lado sombrio da minha canção, entendeu?

O que é esse ressentimento de que você fala?

Ressentimento do prestígio que os grandes progressistas têm na imprensa, nos mundos acadêmico, artístico e intelectual. O ressentimento no aspecto progressista político. E que também representa uma certa novidade, porque o conservador era chamado de maioria silenciosa, mas agora não é mais. Isso significa muito, significa que tudo está mudando. E também que a capacidade real de conservação deles como grupo está acabando. Eles já precisam não ser silenciosos. É uma fraqueza inelutável.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

A direita foi às ruas no 7 de Setembro, e você chamou num show o Fora Bolsonaro. O que pensou vendo aquilo e que relação faz com a nova música?

Eu me senti mal. Estava na Europa para fazer shows e evidentemente tinha brasileiro na plateia. A primeira vez que ouvi, foi até em Hamburgo, uma pessoa gritar Fora Bolsonaro, eu falei: "Sem dúvida". As pessoas riram. Mas no dia 7 de setembro, em Portugal, além de estar cheio de brasileiros, os portugueses acompanham mais a vida no Brasil do que outros europeus. E aquela manifestação era uma espécie de celebração do ressentimento. E o cara que é o presidente do Brasil dizia coisas horríveis, né? Que depois ele teve que recuar. Naquele dia, eu falei com um pouco mais de veemência, mas não ficou mais forte do que cantar as canções.

Você acha que a discussão política no Brasil ficou presa na lógica binária e isso dificulta o aparecimento de uma terceira via? Você já declarou voto em 2018 no Ciro, já apoiou o Boulos e a Marina. Tem na cabeça uma terceira via ou acha que ela é, neste momento, uma linha auxiliar do bolsonarismo, como diz um uma certa linha ideológica?

Você falou em três aí que eu gosto muito: Ciro, Boulos e Marina. Eu amo todos os três, mas eu amo o Lula também, porque ele é uma figura em nossa História que não dá para você desprezar.

‘Eu via o risco das ondas coletivas de ressentimento’

Ele está na frente nas pesquisas. Você acha que é o momento de escolher entre um e outro?

Eu acho consideravelmente empobrecedor ficar percebendo que Bolsonaro precisa de Lula e Lula precisa de Bolsonaro. Lula está ganhando de lavada nas pesquisas e merecidamente.



Mas, se ficar assim, votarei e entendeu? Mas o Ciro tem um desenvolvimentismo pensado para os termos de hoje, escrito com o pensamento de hoje. Então eu mantenho essa justiça em relação a Ciro, mas não tô dizendo que sinto hoje que votarei em Ciro. Não vejo, não tô vendo ele, mas tem de uma maneira mais nítida de enriquecer.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Você falou que a tecnologia prometia democratização profunda e acabou entregando mais o contrário. A culpa é do algoritmo?

Eu não sei (risos). Você sabe que as canções vão na frente da gente. Tive essas três coisas no princípio. A ideia de anjos tronchos no Vale do Silício, que é uma espécie de retrato que já dizia alguma coisa do nosso tempo, nas próprias imagens. Fiquei arrebatado pela necessidade de fazer uma canção com esse começo, mas não consegui fazer mais nada. Eu não sei, eu não entendo disso, entendeu? Não sou muito bom de internet, nem de rede social.

Você não tem celular, não tem rede social, é isso?

Eu não tenho celular, não vejo rede social. Eu tenho, evidentemente, minha rede social. Eu, às vezes, posto coisas que sou eu que escrevo e mando pra minha equipe. Mas eu não vejo comentários, do que me xingam, os que me apoiam, eu não sei nada disso. Eu ouço contar histórias que dizem que (pessoas) estão sendo muito agredidas, xingadas, ou que estão se dando muito bem em determinado tema. Mas eu não acompanho, eu não entro nesse ritmo. Então eu não sou um conhecedor do negócio na vivência.

Você acha que os algoritmos provocam esse comportamento destrutivo ou eles apenas potencializam algo que já está dentro da gente?

Acho que potencializa. Evidentemente, eles produzem novas realidades que resultam em coisas concretas. Mas não é dizer que éramos um povo equilibrado, suave em sua vivência. Isso foi desvirtuado pelos algoritmos do digital, pelos anjos tronchos do Silício.



Como você se adapta a essa nova lógica da indústria cultural agora que você está lançando um disco?

Eu não me adaptei (risos). Eu fiz o disco e me esqueci de nada disso, sem pensar nem em lançar. Depois, quando fez a combinação das tecnologias dela com as plataformas de streaming. E aí eu fiquei um pouco impaciente. Eu dizia: “minhas músicas estão prontas, eu quero que as pessoas ouçam”. Chegou um dia que até ameacei, “Eu vou vazar, eu vou vazar!”. E terminei topando fazer o lançamento dentro da maneira que eles fazem. Mas eu já ouvi falar que, por exemplo, faixas do Kanye West tinham que ser mais curtas. Amigos americanos têm me falado isso e eu acho uma maluquice. Eu nunca entrei em nada disso. Não entrei quando era de outro jeito, nem vou entrar no que é agora... Eu não vejo muita internet, não é onde eu vivo. Eu não sei nem direito procurar músicas. Mas é aquilo que eu escrevi lá na letra, de poder ouvir grandes autores da música erudita, Shönberg, Weber.

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Mudou a forma de ouvir?

Fiquei ouvindo mais porque eu não tenho esses discos. Não tinha antes muito... Tinha alguma coisa, mas na internet vou procurar o que tiver e termino achando coisas pra ouvir, é bom.

Me contaram que você fica testando os algoritmos, fazendo várias buscas diferentes pra ver se você despista o algoritmo para ele te oferecer coisas diferentes, é verdade?

Não, não faço assim, não! O que aconteceu foi que eles me surpreenderam pelo seguinte ... Porque, por exemplo, eu queria saber o que o Olavo de Carvalho estava falando em um determinado momento. Aliás, aqui entre as pessoas que eu conheço, sou maluco porque eu dava importância a Olavo de Carvalho. Mas eu conhecia os livros dele desde o começo, né? Aí, como eu olhava por essas razões que descrevi, quando começa a vir uma porção de caras de direita porque o algoritmo me viu procurar Olavo de Carvalho. Então ficava driblando, estava outra coisa para poder não ficarem me enchendo o saco com isso, mas é só.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Venha para a luz

Caetano Veloso lança 'Meu coco', primeiro álbum da carreira somente com composições próprias, celebrando o melhor do Brasil



Entrevista a Maria Fortuna
publicada

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Um carinho no Brasil tão maltratado. Soa assim o novo disco de Caetano Veloso, "Meu coco" (Sony), que chegou ontem às plataformas digitais. Gravado durante a pandemia no estúdio que Paula Lavigne, companheira do compositor, construiu na casa do casal, o trabalho é uma grande afirmação do Brasil bonito e plural, da mistura de povos e ritmos que nos constitui.

É também o primeiro álbum da carreira do artista que traz apenas composições próprias e nenhuma parceria.



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

— Isso é o que mais resultou da pandemia: o fato de ser exclusivamente meu o repertório — diz o cantor de 79 anos.

O tom luminoso do disco também tem a ver com as companhias de Caetano no isolamento. O neto Benjamin (filho de Tom) nasceu na casa do avô em maio de 2020. E viveu lá por quase um ano.

— Essas coisas me animam, mexem com o meu afeto. Adoro meus filhos, e um deles teve um filho, que fica perto de mim — conta Caetano, que compôs “Autoacalanto” para o bebê. — Tudo isso me estimulou a fazer canções. Porque dá gosto de vida, dá felicidade.

Mas o artista não deixa de mandar um recado político direto e contundente na faixa “Não vou deixar”. A seguir, os principais trechos da conversa, em que ele fala também sobre masculinidade, do lugar do sexo em sua vida e do medo da morte.



Tom político

“A canção ‘Não vou deixar’ fala sobre a situação da plura... ‘Não vou deixar’, digo: ‘Não vou deixar porque eu sei cantar e sei de alguns que sabem mais...’ A canção popular brasileira, do que... e sobreporá aos horrores que a gente vem passando. Jamais diria que é dedicada a ele (o presidente Jair Bolsonaro), mas aquilo está dito a pessoas como ele, a ele, ao tipo de poder que representa. É o Brasil dizendo: ‘Não vou deixar você esculachar com a nossa história.’ Há um paralelo com ‘Transa’ no sentido da saudade. Porque aparece um Brasil muito vivo e também referido em seus detalhes. ‘Transa’ é cheio de pedaços de canções de outros. As referências à proliferação de criação musical que acontece no Brasil desde tanto tempo aparecem aqui de novo sentida como saudade, festejada, celebrada, mas do ponto de vista de quem está no meio de um período horrível.”

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Influências

“Pretinho (da Serrinha) disse: ‘Não vai ter samba no disco? Faz um samba!’ Eu pensei: ‘Sem samba não dá!’ (título da canção que está no álbum). E fiz. Quis fazer um com sanfona do Mestrinho para ficar meio sambanejo. A própria melodia, as mudanças harmônicas, têm a ver com algumas coisas de samba modificado que tenho visto no ‘TVZ’ (programa de clipes no Multishow). E também das coisas que o Zeca (seu filho) me mostra. Ele é meu grande conselheiro.

Antes de fazer o disco, tive muitas conversas com ele sobre o jeito em que sonhava fazer. E ele me mostrava muitos exemplos tanto de coisas estrangeiras como brasileiras, lembranças de coisas antigas e apresentação de outras muito novas. Uma porção de gente que cito no disco conheci por causa de Zeca: MC Cablinho, TZ da Coronel, Gabriel do Borel. E outras, conhecendo ‘TVZ’. Vejo notícias na GloboNews, pulo para o Multishow, vejo ‘Vai que cola’ e ‘TVZ’. Quando Ferrugem apresentava, era maravilhoso. O jeito dele de



Conteúdo EXCLUSIVO para assinantes

CONHEÇA O PLANO

As patroas

“Ouço muito os sertanejos por causa do ‘TVZ’ e de Zeca, que também conhece essa área, com escolhas e visão crítica interessantes. Na hora em que vieram (na cabeça) os nomes das pessoas (como Marília Mendonça, Anavitória e outros citados na música ‘Sem samba não dá’), vieram mais as mulheres. Tem muita dupla de rapazes que conheço, mas não me pegaram tanto como as mulheres. Aquele número ‘As patroas’, com Maiara, Maraisa e Marília Mendonça... Adoro aquilo, é uma maravilha! Bem cantado pra caramba. Sou louco por aquilo, já vi mais de 30 vezes na televisão. Simone e Simaria são baianas. Gosto que Simaria samba numas músicas que são meio samba, meio não... Mas ela samba (risos).”

Masculinidade

“É uma coisa que me interessa, sempre foi uma questão para mim, um tema importante na minha vida. Sempre olhei para isso com carinho, interesse, preocupação e alegria. Vejo que há muitas mudanças de comportamento, mas há também uma grande resistência dos modelos de masculinidade, como se diz, tóxica, opressiva, restritiva e empobrecedora como a gente teve que aguentar durante tanto tempo. Aliás, no momento, é muito oficialmente endeusada, né? E reforçada. Para mim, sempre foi caso fechado: Eu sou fluido.”

O lugar do sexo

“Basicamente, é o mesmo de sempre: um lugar central, de grande importância na minha vida. Sexo, para mim, é uma das coisas mais importantes. A descoberta do sexo foi muito importante, mas a descoberta do sexo genital é uma descoberta não só do corpo, mas da justificativa da vida, do valor dela. Foi quando eu vi como é profundamente bom viver, o que é bom para a alma, afirmou ela recentemente. Ela é mulher, eu e Ney somos homens. Isso é muito importante para a formação física e psicológica. O que ela diz acontece. Tem coisas que passam a ficar mais na cabeça, no pensamento, na lembrança, e a libido pode ir parar nesse lugar. Mas, para mim, se mantém no mesmo lugar de quando se definiu na minha pré-adolescência. É físico! Eu sou mais Ney nisso, somos dois leoninos.”

O homem velho

“Essa música (‘O homem velho’, de 1984) foi um modo de pensar a coisa da velhice naquela altura. Lembro que dediquei ao meu pai e

Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO

Caetano Veloso

ao Mick Jagger. Acho que vale essa frase. É poética, né? 'Deixa vida e morte para trás' porque fica acima de questão de 'vai morrer não vai morrer, a vida é finita, não é finita'. Hoje, sinto diferente. Não tenho vontade nenhuma de morrer. Quase nenhuma... Mas, hoje, não tenho aquele medo de morrer de quando era moço. Quando fiz 'O homem velho', ainda tinha mais medo que hoje. É uma coisa meio 'a vida que você tem, que está tendo, vale totalmente ali'. Não depende de ter sido, de vir a ser afirmada ou destruída. Era isso que queria dizer com esse verso. Acho que ainda vivencio isso."



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO



Conteúdo **EXCLUSIVO** para assinantes

CONHEÇA O PLANO